

VITOR CURVELO FONTES BELÉM

ARRAIÁ NA TELA  
A CONSTRUÇÃO MUDIÁTICA DAS FESTAS JUNINAS  
EM SERGIPE

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Doutora Jerusa Pires Ferreira.

São Paulo

2010

**Banca examinadora**

---

---

---



*“Num filme o que importa não é a realidade,  
mas o que dela possa extrair a imaginação”*

*(Charles Chaplin)*



## AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por sua estrutura física e moral, servindo-me para multiplicar os horizontes.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Jerusa Pires Ferreira, carinhosa orientadora, pela oportunidade e por sua generosidade intelectual compartilhada durante esse período.

Aos professores Dr. Amálio Pinheiro, Dra. Lucrécia D'Alessio Ferrara, Dr. Eugênio Rondini Trivinho e Dra. Ana Claudia de Oliveira por todo o apoio, contribuindo para aprimorar os rumos deste trabalho e dos meus conhecimentos.

Aos amigos da TV Sergipe, pelo apoio e principalmente por me oferecer um farto material de trabalho de excelente qualidade.

Aos meus pais, Nalberto e Katia, pela compreensão, apoio e dedicação.

À irmã, Jessica, que soube assumir responsabilidades e suprir a minha ausência durante os estudos.

Aos meus avós, Gileno e Bernadete, pelo zelo e por todos os incentivos aos meus estudos; e Natália e Joel (in memória) pelos exemplos de determinação.

À minha noiva, Greyce, conselheira de todos os momentos, pelo amor dispensado à distância, pela compreensão e incentivos.

À tia Creusa, pelo apoio para com as atividades acadêmicas.

À Martha, Aline e Heloisa, amigas e imigrantes sergipanas, pela companhia e apoio afetivo.

Aos amigos que fiz, em especial a Gustavo, por tornarem essa jornada mais prazerosa e compreensível.

Aos amigos que reencontrei e entenderam a falta de tempo.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1. CORPUS.....	13
1.2. PROBLEMÁTICA.....	13
1.3. ESTRUTURA METODOLÓGICA.....	14
<b>2. FESTAS JUNINAS.....</b>	<b>16</b>
2.1. ASCENDÊNCIAS.....	17
2.1.1. Dos deuses pagãos a São João.....	17
2.1.2. Da Europa para Pindorama.....	20
2.2. TRADIÇÕES.....	25
2.2.1. Sergipe é o país do forró.....	31
<b>3. FESTAS JUNINAS NA TV.....</b>	<b>37</b>
3.1. ARRAIÁ TELEMIDIÁTICO.....	38
3.2. ARRAIÁ NAS TELAS DE SERGIPE.....	43
3.3. TV SERGIPE: O SÃO JOÃO ACONTECE POR AQUI.....	45
3.3.1. Telejornais e as festas juninas.....	47
3.3.1.1. Bom dia Sergipe.....	48
3.3.1.2. SETV 1ª edição.....	49
3.3.1.3. SETV 2ª edição.....	50



<b>4. SÃO JOÃO DA GENTE.....</b>	<b>52</b>
4.1. NO COMANDO.....	54
4.2. PARODIANDO AS FESTAS JUNINAS.....	54
4.3. ABERTURA.....	56
4.4. EPISÓDIOS 2009.....	58
4.4.1. Ismael e os filhos do nordeste.....	58
4.4.2. Maria de Betrô.....	60
4.4.3. Tupã da viola.....	63
4.4.4. Banda de pífano 3 de maio.....	66
4.4.5. Vânia Silva.....	67
4.4.6. Zetinha.....	70
4.4.7. Zé Costa, o cantor que o povo gosta.....	72
 <b>CARTA-CONCLUSÃO.....</b>	 <b>75</b>
 <b>ANEXOS.....</b>	 <b>81</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	 <b>95</b>



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Pintura de Theodor de Bry.....	21
FIGURA 2 – Imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro.....	22
FIGURA 3 – Ogum, Xangô e Oxóssi.....	23
FIGURA 4 - Pintura de Militão dos Santos.....	28
FIGURA 5 - Quadrilha Asa Branca.....	29
FIGURAS 6 e 7 - Desfile de carroças do casamento caipira.....	31
FIGURA 8 - Bacamarteiros.....	34
FIGURA 9 - Barco de fogo.....	34
FIGURAS 10 e 11 - Batalhão dos Bacarmateiros.....	35
FIGURAS 12 e 13 – Abertura do “São João da Gente”.....	57
FIGURAS 14 e 15 – Abertura do “São João da Gente”.....	57
FIGURAS 16 e 17 - “São João da Gente: Ismael e os filhos do nordeste”.....	59
FIGURAS 18 e 19 - “São João da Gente: Ismael e os filhos do nordeste”.....	59
FIGURAS 20 e 21 - “São João da Gente: Maria de Betrô”.....	61
FIGURAS 22 e 23 - “São João da Gente: Maria de Betrô”.....	62
FIGURAS 24 e 25 - “São João da Gente: Maria de Betrô”.....	62
FIGURAS 26 e 27 - “São João da Gente: Tupã da viola”.....	63
FIGURAS 28 e 29 - “São João da Gente: Tupã da viola”.....	64
FIGURAS 30 e 31 - “São João da Gente: Tupã da viola”.....	65
FIGURAS 32 e 33 - “São João da Gente: Banda de pífano 3 de maio”.....	66
FIGURAS 34 e 35 - “São João da Gente: Banda de pífano 3 de maio”.....	67
FIGURAS 36 e 37 - “São João da Gente: Vânia Silva”.....	68



FIGURAS 38 e 39 - “São João da Gente: Vânia Silva”.....	69
FIGURAS 40 e 41 - “São João da Gente: Zetinha”.....	70
FIGURAS 42 e 43 - “São João da Gente: Zetinha”.....	71
FIGURAS 44 e 45 - “São João da Gente: Zé Costa”.....	72
FIGURAS 46 e 47 - “São João da Gente: Zé Costa”.....	74



## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Tempo/conteúdo: Bom Dia Sergipe.....	48
GRÁFICO 2 - Tempo/conteúdo: SETV 1ª edição.....	49
GRÁFICO 3 – Festas junina/”São João da Gente”: SETV 1ª edição.....	50
GRÁFICO 4 - Tempo/conteúdo: SETV 2ª edição.....	51

## RESUMO

A expectativa inicial deste trabalho é fazer um registro sobre a tradição dos festejos juninos. Através das pesquisas traçadas pela perspectiva histórica e atual das festas, percebe-se o quanto a cultura junina é plural e se reinventa a cada dia. É nesse contexto que o trabalho se desenvolve, ressaltando o papel estratégico da televisão nesse processo. Se por um lado a televisão vem produzindo um fluxo crescente de apropriações culturais e com isso conquistando a audiência e dando visibilidade mediática, por outro é preciso reconhecer esse processo como uma interferência e assim entender seus efeitos. Em Sergipe há um exemplo da presença marcante dos festejos juninos na mídia. Há seis anos, a TV Sergipe, afiliada da Rede Globo, veicula no SETV 1ª edição um quadro essencialmente cultural chamado de “São João da Gente”. A cada ano são transmitidos 26 filmes durante o período junino, que expõem as raízes de uma das manifestações culturais mais expressivas do Estado. O quadro vem apresentando a cultura junina aos sergipanos de forma inusitada, mas é preciso entender como a transformação dessa tradição em espetáculo televisivo interfere sobre a própria dinâmica da cultura local. Por isso, essa dissertação pretende entender quais as consequências do processo de midiaticização da cultura junina, a partir das análises que se seguem a partir do quadro em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** festas juninas, televisão, mediação, São João da Gente.



## RESUMEN

La expectativa inicial de este trabajo es hacer un registro sobre la tradición de las “fiestas juninas”. Por las investigaciones trazadas desde la perspectiva histórica y actual de las fiestas, se percibe en cuanto la cultura “junina” es plural y se reinventa cada día. Es en ese contexto en que se desarrolla el trabajo, se resalta la fuerza estratégica de la televisión en ese proceso. Si por su vez la televisión produce un flujo creciente de apropiaciones culturales y conquistando por eso la audiencia y la visibilidad mediática, por otro lado hay que reconocer el proceso como una interferencia, buscando comprender sus efectos. En Sergipe hay un ejemplo de la presencia destacable de los “celebraciones juninas” en los mass media. Hace seis años, la TV Sergipe, afiliada de la Rede Globo, difunde en el SETV en 1ª edición un cuadro esencialmente cultural, que se llama de “São João da Gente”. A cada año son transmitidos 26 películas durante el periodo, que exponen las raíces de una de las manifestaciones culturales más expresivas de la región. El cuadro presenta la referida cultura “junina” a los sergipanos de forma inusitada, pero hay que comprender como la transformación de esa tradición en espectáculo televisivo interfiere sobre la dinámicamisma de las culturas locales. Así, esa disertación pretende explicar cuáles los resultados de los procesos de mediatización, a partir de los análisis que se siguen, en el cuadro presentado.

**PALABRAS-CLAVES:** fiestas juninas, televisión, mediación, São João da Gente.

## 1. INTRODUÇÃO

As festas juninas são tradições culturais de grande expressividade na região nordeste do Brasil. As comemorações acontecem durante todo o mês de junho, especialmente entre os dias santos. Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29) formam o ciclo junino que dão o caráter católico das festas. O fato é que as origens dessas festas remontam tempos antigos de influência pagã.

Sabe-se que essa tradição é essencialmente agrária, relacionada aos ciclos da fertilidade da terra. Tempos antigos em que o fogo era símbolo da esperança pela boa colheita. Mas, com o apogeu do cristianismo, a igreja católica impôs um novo significado para os rituais. A proposta cristã era que o culto ao fogo fosse substituído pelo culto a São João Batista, comemorado proximamente ao período de colheitas. Talvez ninguém imaginasse que os costumes iriam atravessar os séculos e se integrar há diversas culturas.

As tradições se popularizaram pela Europa e chegaram ao Brasil no período de colonização. Aqui, incorporou a cultura indígena e tantos outros costumes dos diversos imigrantes. Santos, quadrilha, fogueiras, fogos; os costumes festivos do meio rural logo conquistaram cidades por todo o país. Na região nordeste tornaram-se uma das mais importantes manifestações culturais. E no menor dos estados brasileiros, não é diferente. Os festejos juninos têm grande valor cultural para Sergipe, onde as inúmeras manifestações folclóricas, espalhadas por todos os municípios, preservam o caráter popular das comemorações.

O fato é que nos últimos anos a tradição junina vem ganhando um espaço cada vez maior na programação televisiva regional e local. No mês de junho, as emissoras da região nordeste realizam uma série de coberturas especiais, algumas com repercussão garantida nos telejornais de exibição nacional. A programação local aproxima ainda mais os telespectadores do contexto cultural.

Diante da aproximação da cultura junina do espaço midiático, este projeto, inserido na área da comunicação e semiótica, busca analisar a construção televisual da cultura junina em Sergipe.

### **1.1. CORPUS**

Em se tratando de divulgação da cultura popular, a TV Sergipe, a afiliada da Rede Globo, possui uma das programações mais expressivas do Estado. A emissora possui diversos projetos relacionados à cultura junina. É o caso do quadro “São João da Gente”, exibido durante o mês de junho, no telejornal SETV 1ª edição. Desde o ano 2001, o quadro tornou-se a atração do mês de junho na programação da emissora e, conseqüentemente, do ciclo junino para os sergipanos. Neste mês, Pierre Feitosa, o narrador-personagem, leva o/ao telespectador uma série de viagens pelo Estado, destacando as inúmeras expressões culturais.

A iniciativa, inovadora para a região, vem cativando os telespectadores pela maneira de apresentar a cultura junina, distanciando-se muitas vezes da formalidade predominante do espaço do telejornal. Deste modo, a tradição junina vem se tornando um inusitado espetáculo televisivo.

Tendo como base as informações obtidas nos departamentos de jornalismo e comercial da emissora em questão, as expressões culturais que envolvem os festejos juninos do Estado de Sergipe, sobre a ótica do quadro “São João da Gente”, edição do ano 2009, formam o corpus central da pesquisa. Para o estudo se fez necessário contextualizar as origens e as tradições das comemorações juninas.

### **1.2. PROBLEMÁTICA**

Se por um lado os festejos juninos têm grande valor cultural para o nordeste, especialmente para Sergipe, por outro há carência de estudos atuais e locais que

tratem dessa tradição e sua relação com a mídia. Alguns autores sergipanos, como Aglaé Alencar e Luiz Antônio Barreto, publicaram obras sobre a temática junina no contexto estadual. Em sua maioria, há décadas, porém, em nenhuma das oportunidades, trataram da relação dessa tradição cultural com a televisão. Não há registro de estudos nesse sentido no Estado.

Diante dos fatos, esta pesquisa pretende entender de que maneira a construção (tele)mediática traduz essas expressões culturais e sobre elas interfere. Para tratar dessa problemática, questões preliminares são respondidas no decorrer do estudo. Através do breve levantamento histórico sobre a tradição e a análise sobre a aproximação da cultura com a comunicação, percebe-se como a televisão constrói as imagens das expressões culturais e de que forma os festejos juninos em Sergipe são reinventados pela televisão.

### **1.3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA**

O objetivo principal desta pesquisa é analisar as consequências do processo de midiaticização das expressões culturais a partir de produtos televisuais. Assim, os festejos juninos de Sergipe são caracterizados do ponto de vista histórico e identificados através da tradução televisual.

Primeiramente pondera-se sobre as interações culturais que deram origem aos festejos juninos. Nesta parte, também são descritas algumas tradições atuais, especialmente as sergipanas. Para tanto, são utilizados os registros culturais do Frei Vicente Salvador, Fernão Cardim, Gilberto Freyre, dos historiadores sergipanos Luiz Antônio Barreto e Aglaé D'Ávila, além de tantos outros autores.

No capítulo seguinte, a pesquisa leva em conta a relação das práticas culturais com a comunicação. Nesta parte do trabalho explora-se, principalmente, o conceito de mediação, de Martin-Barbero, buscando explicitar nesse processo de interação, a negociação e o re-conhecimento simbólico da cultura, bem como situar

a televisão como importante difusor cultural. Ainda neste recorte, o conceito de espetáculo, de Guy Debord, e tecnocultura, de Muniz Sodré, contribui para a apreciação das imagens culturais, diante dos processos sociais de visibilidade. O capítulo introduz o estudo de caso, analisando os produtos culturais da programação da emissora TV Sergipe.

Após as reflexões teóricas, a pesquisa estende-se para o estudo de caso. A partir do mapeamento das expressões da cultura junina de Sergipe, o quadro “São João da Gente” serve de base para entender o papel da televisão no contexto de interações culturais e vice-versa.

Contribuem para a análise audiovisual, as ponderações de Arlindo Machado, bem como a teoria crítica da televisão, do estudioso francês Dominique Wolton. Isto permitirá uma reflexão conclusiva sobre a mídia como produtora de sentidos sociais. Dessas análises, busca-se confirmar a posição hipotética de leitura desse contexto: a tradução televisual das expressões culturais interfere e altera os processos culturais e sociais de visibilidade, desta maneira, a televisão atua no reconhecimento da cultura, refazendo imaginários, situando as pessoas em um espaço cultural fragmentado.

Desta maneira, esse estudo contribuirá para a aproximação entre o mercado televisual e a pesquisa acadêmica, bem como para entendimento da responsabilidade social dos profissionais da área da televisão que trabalham com práticas culturais. Não se trata apenas de um estudo de caso; esta pesquisa se propõe a produzir conhecimento que possa ser representativo para outras pesquisas que façam a interface entre televisão e cultura.



## 2. FESTAS JUNINAS

As festas juninas são algumas das expressões mais férteis da cultura brasileira. A tradição faz parte do calendário das celebrações católicas e homenageiam os quatro santos do mês de junho: Santo Antônio no dia 13, São João no dia 24, São Pedro e São Paulo, ambos, no dia 29.

Nesse período, um cenário peculiar e bastante simbólico se estende por diversas regiões do Brasil. Muitas casas, ruas e praças ganham o colorido das bandeirinhas. Nas noites de celebração, a população se reúne em torno das fogueiras e ilumina o céu com o colorido dos fogos de artifício. E no ritmo da sanfona e do forró, as quadrilhas formam os “arraiás”. Tudo isso somado aos quitutes típicos que dão o sabor especial às comemorações.

Essas festas, em todas as suas formas de manifestação cultural, possuem precedentes históricos. Suas origens remontam a um período anterior a era Cristã. Através da memória impressa pela oralidade das gerações, essa tradição passou por diversas incorporações tradutórias. Hoje se faz presente e se institui como laço social, especialmente no nordeste.

Esta primeira parte do trabalho possui duas sequências. Na primeira, busca-se perceber o sentido transitório das festas juninas, através da compreensão dos seus múltiplos significados revividos e perpetuados pelas tradições populares. Para tanto, percorre-se alguns momentos históricos dessa manifestação popular até os processos de readaptação à sociedade em que se insere. A segunda parte, resultante dos processos anteriores, traça um panorama das tradições, de maneira em que o contexto nordestino torna-se o foco das análises, especialmente as expressões que se relacionam com a construção da memória dos sergipanos.

## 2.1. ASCENDÊNCIAS

### 2.1.1. Dos deuses pagãos a São João

A origem das festas juninas remonta a um tempo muito antigo. Para entender o surgimento dessa tradição se faz necessário pensar na evolução do homem. Esse processo só foi possível graças à descoberta e o domínio das técnicas da caça, da pesca, da coleta e do cultivo de raízes e legumes. Sobretudo a partir da produção agrícola é que se pode estabelecer um conjunto de relações para entender as origens das festas juninas.

A dependência do homem para com o cultivo agrícola fez com que este refletisse sobre as causas, os efeitos e as transformações no ciclo da natureza. Através das tentativas de entender e dominar a lavoura o homem criou rituais, que evocavam a fertilidade da produção. Estas práticas foram incorporadas por diversas culturas ao longo dos tempos. Em O Ramo de Ouro, Sir James George Frazer (1978, p. 47) confirma que os primeiros indícios de magias e rituais podem ser registrados nas sociedades primitivas. Segundo ele, dificilmente alguém, naquela época, não praticava algum tipo de magia, cuja principal finalidade era o suprimento de alimentos.

Num certo estágio de seu desenvolvimento, os homens parecem ter imaginado que estavam em suas mãos os meios de evitar a calamidade potencial e que podiam apressar ou retardar a marcha das estações pela arte da magia. Assim sendo, realizaram cerimônias e recitaram fórmulas mágicas para fazer a chuva cair, o sol brilhar, os animais se multiplicarem e os frutos da terra crescerem. (FRAZER, 1978, p. 122).

Dessa relação entre o homem e a natureza surgiram muitas divindades, ritos e teorias pagãs.

Na Grécia, por exemplo, Adônis era considerado o espírito dos cereais. Entre os rituais mais expressivos que o homenageavam estão os jardins de Adônis: na primavera, durante oito dias, as mulheres plantavam em vasos ou cestos sementes de trigo, cevada, alface, funcho e vários tipos de flores. Com o calor do sol, as plantas cresciam rapidamente e, como não tinham raízes, murchavam ao final dos oito dias, quando então os pequenos jardins eram levados, juntamente com as imagens de Adônis morto, para ser lançados ao mar ou em outras águas. (RANGEL, 2002, p. 15).

Os deuses pagãos e os rituais de fertilidade se multiplicaram pelo mundo. Ao passo em que o conhecimento se racionalizava, muitas dessas crenças e deuses foram esquecidos. Ainda assim, outros tantos persistiram e se integraram a cultura de muitos povos. Tão populares, perduram até hoje em formas diversas de manifestação, mesmo lidando com as inúmeras adversidades ao longo desse período.

Em tempo de infortúnios, a era do cristianismo teve papel relevante, através dos esforços da Igreja Católica em conter esses cultos. Ainda assim, jamais se conseguiu extinguí-los e por mais cristãs que fossem, as civilizações não conseguiram desprender-se dos antigos ritos pagãos. “... a teoria religiosa fundiu-se com a prática mágica. Tal combinação é comum na história. Na verdade, poucas religiões conseguiram desprender-se totalmente das velhas malhas da magia.” (FRAZER, 1978, p. 122).

É o caso das festas dos fogos da Europa, quando os camponeses dançavam em volta das fogueiras. Por todo o continente, as pessoas celebravam o solstício de verão com as festas dos fogos, que aconteciam por volta do dia 21 de junho, quando a duração da luminosidade do sol é maior. As pessoas faziam rituais solares para, entre outras coisas, invocar a fertilidade e estimular a produção agrícola. Os agricultores se reuniam em torno das fogueiras e comemoravam a fertilidade da terra e do plantio. O fogo simbolizava o crescimento das plantações, o bem-estar dos animais e homens, bem como o afastamento dos males. De acordo com Frazer

(1978, p. 214), esse costume remonta tempos longínquos, com evidências históricas até na Antiguidade. Ressalta-se: tempo anterior a difusão do cristianismo.

Entretanto, na Idade Média, a catequese cristã se empenhou em acabar com o culto pagão. Insatisfeitos com a insistência dessa manifestação, os religiosos resolveram adaptá-la, introduzindo um sentido religioso, associando-a à celebração do santo celebrado no mesmo período. “Embora se possa considerar como certa a origem pagã do costume, a Igreja Católica lançou sobre ele um véu cristão, declarando ousadamente que as fogueiras eram acesas em sinal de regozijo geral pelo nascimento do [São João] Batista...” (FRAZER, 1978, p. 218).

Portanto, a festa do fogo do solstício de verão foi institucionalizada pelo catolicismo, se tornando a Festa de São João. Um santo que, proximamente, nasce no dia 24 de junho, num período de colheitas. Analogamente, percebe-se também uma “divisão cristã” do calendário entre dois eixos. “A Igreja Católica adotou esses marcos cósmicos, atribuindo aos primos João e Jesus dois momentos de honra para seus nascimentos: o primeiro, perto do solstício de verão; o segundo, perto do solstício de inverno.” (CHIANCA, 2009, p. 20). O solstício de inverno, quando a duração da luminosidade do sol dura menos tempo, acontece no hemisfério norte por volta do dia 21 de dezembro, próximo do natal.

Mesmo tendo atribuído e difundido o novo significado cristão do ritual, o culto ao fogo continuou incomodando, por bastante tempo, muitos religiosos, que o consideravam ícone da perdição. A solução veio no Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, época em que a Europa estava dividida devido à Reforma Protestante. Buscando a garantia da unidade da fé, a Igreja Católica instituiu, entre outras coisas, que as festas dos fogos seriam sinônimo de purificação. “... as fogueiras de solstício passaram a ser admitidas como “fogos eclesiásticos”. Para isso, foram banidos todos os sentidos que a Igreja Católica chamava de “superstições”.” (CHIANCA, 2009, p. 20).

Assim, os cultos pagãos e cristãos atravessaram séculos. Inevitavelmente, com o apogeu do cristianismo, a festa do fogo passou a ser popularmente associada

à festa de São João, na maioria dos lugares onde eram comuns ambas as práticas, especialmente na península ibérica. O fato é que por toda essa trajetória, o elemento fogo, dos cultos de ascendência pagã, recebeu diferentes significados, mas persiste até hoje nas fogueiras e fogos de artifícios em homenagem a São João. Portanto, trata-se de um culto de dupla natureza: sagrada e profana.

### 2.1.2. Da Europa para Pindorama

De origem tupi, Pindorama significa terra das palmeiras, e era como povos ando-peruanos chamavam o Brasil antes da colonização. Pindorama descobriu São João Batista, bem como suas celebrações ancestrais, através dos portugueses, que durante longo período foi o veículo de cultura. Décadas depois, os brasileiros tornaram esse festejo uma das mais importantes expressões populares do país, resultante de diálogos e conflitos entre diversas culturas como ibérica, africana, indígena, entre outras.

Antes de se tornar um ciclo de comemorações aos santos de junho, havia apenas a celebração a São João. Para inserí-la na cultura local, os jesuítas acendiam fogueiras no dia da festa para despertar a atenção dos indígenas. Do século XVI, há registros que comprovam o acolhimento das festas no Novo Mundo. Padres jesuítas, como frei Fernão Cardim, deixou escritos datados de 1584, tratando da integração da festa de São João aos costumes locais.

Três festas celebram estes índios com grande alegria, aplauso e gosto particular. A primeira são as fogueiras de São João, porque as aldeias ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro(...). (CARDIM, 1584, p.156).



**Figura 1 – Pintura de Theodor de Bry, de 1591, representando os índios ao redor da fogueira.**

As luzes das fogueiras impressionavam os nativos. Admirados, os índios se aproximaram dos religiosos, facilitando a evangelização. Através da festa, o frei Vicente do Salvador percebeu que seria mais fácil o trabalho de “labutar com este gentio com a sua inconstância [...] Só acodem com muita vontade nas festas em que há alguma cerimônia, porque são mui amigos de novidades, como no dia de São João Batista, por causa das fogueiras e capelas.”. (DO SALVADOR, 1627, p. 344).

A maleabilidade permitiu a integração de outras divindades cristãs. Desta maneira, os portugueses trouxeram a devoção a Santo Antônio. Não demorou até que este fosse adorado pelos brasileiros, a quem conferiu uma série de milagres lendários. Entre os principais, aquele que diz que Santo Antônio teve papel importante na luta contra os invasores holandeses no nordeste e no Rio de Janeiro, onde, de fato, recebeu a patente de capitão pelo seu desempenho. E se as graças das vitórias em batalhas estavam enraizadas no imaginário popular, Padre Antônio Vieira reforçou o mérito: “Porque sendo a Bahia, Bahia de Todos os Santos, a todos os santos pertencia a defesa dela. Logo se a todos os Santos pertencia a defesa da Bahia, por isso a defendeu Santo Antônio, porque Santo Antônio sendo um só é todos os Santos.” (VIEIRA, 1959, p. 36). A promoção a patente militar se deu em

diversos lugares, com direito a salário. Poucos souberam dos reais beneficiários, mas o fato é que essas “interferências” de Santo Antônio no Brasil popularizaram também as devoções entre soldados e varejistas; entre aqueles que procuravam coisas perdidas, inclusive o amor.

São Pedro, também popular entre os portugueses, não demorou a conquistar devotos pelo Brasil. Sendo um dos fundadores da Igreja católica, o santo firmou sua imagem como o responsável pelas chuvas, considerado também o santo protetor das viúvas e dos pescadores.

O culto aos santos se apresenta como um comportamento religioso popular, que por sua vez também foi herança portuguesa incorporada à nossa história cultural. Pela mão do colonizador tomamos conhecimento através de imagens e cromos, das figuras dos santos. (ALENCAR, 1994, p. 11).



**Figura 2 – Imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro.**

Essas tradições cristãs européias, que começaram a se consolidar entre os pagãos da nova terra, “passaram pelos costumes góticos reforçados pela presença dos árabes em Portugal e Espanha.” (MARQUES, 1999, p. 55). Um processo que revela o caráter multifacetado e perene das comemorações juninas.

O tráfico de escravos negros da África, entre os séculos XVI e XIX, também teve relevância nesse processo de sincretismo religioso da festa. Desta maneira, o candomblé chegou ao Brasil. O culto aos orixás, os deuses africanos, foi reprimido

pelos portugueses, que o consideravam feitiçaria. Na tentativa de burlar as perseguições, os orixás ganharam equivalências. Santo Antônio, São Pedro e São João, são também lembrados, respectivamente, como Ogum, Xangô e Oxóssi, no candomblé.



**Figura 3 - Vestimentas de Ogum, Xangô e Oxóssi expostas no Museu da Cidade, na Bahia. Foto: Iraildes Mascarenhas / Fundação Gregório de Mattos.**

Diante desse trânsito e cultural, diversos cultos foram difundidos e incorporados; as crenças em torno dos deuses se multiplicaram e os ritos pagãos se adaptaram às festas, adotando referências católicas, assim como relata Gilberto Freyre:

Uma das primeiras festas, meio populares, meio de igreja, de que nos falam as crônicas coloniais do Brasil é a de São João já com fogueiras e danças. Pois as funções deste popularíssimo santo são afrodisíacas; e ao seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. [...] As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, busca-pés e vivas, visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água; a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comê-la; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para de manhã cedo decifrar-se sofregamente a mancha ou a nódoa na lâmina; a da bacia de água, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antônio. Por exemplo, as afeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desaparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil. É a imagem desse santo que frequentemente se

pendura de cabeça para baixo dentro da cacimba ou do poço para que atenda às promessas o mais breve possível. Os mais impacientes colocam-na dentro de urinóis velhos. (FREYRE, 1995, p. 246).

Somada às pressões católicas sobre os cultos, as “qualidades” dos santos contribuíram para a popularização das festas. Sobre esse efeito, Cascudo (1967, p. 21) ressalta que ao contrário do natal, com a intensa intervenção disciplinadora cristã, o dia de São João era festejado de maneira improvisada e alegre, com fogueiras, danças, comidas, etc. Desta maneira, o santo assumiu um caráter folclórico para aquela geração, permeando sempre pelos aspectos sedimentários dos textos culturais seculares, de tal modo que se atesta a “permanência da tradição não formal da religiosidade (...) [Onde] o sagrado e o profano, de modo simultâneo, permanecem nos eventos e/ou festas religiosas, chegando até a uma situação escatológica ou sublimada.” (MARQUES, 1999, p. 35).

A dispersão sobre o foco da celebração, bem como a sombra das práticas pagãs, tornaram-se motivos de apreensão para os religiosos. Muitos rituais foram proibidos; até mesmo as fogueiras. Estreitando relações com o Estado, a igreja impôs sua autoridade diante das credices que surgiam, chegando a condenar à morte quem a praticasse. No final do século XVII, o arcebispo da Bahia criou uma versão do Concílio de Trento, no qual incluía recomendações quantos à festa.

“[...] sob pena de graves inculpações, encarregamos os padres e outras pessoas que cuidam das igrejas que elas sejam por ocasião destas noites bem iluminadas, e que eles sejam vigilantes para que no seu interior não haja motivo de escândalo. (DEL PRIORE, 2002, 94).

Em 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, novos hábitos foram incorporados às celebrações. Os fogos de artifícios, trazidos da China pelos portugueses; as músicas; as superstições e brincadeiras; a dança de salão, etc. Desta maneira, as festas juninas foram ganhando contornos e, mesmo sob vigília, enraizaram-se na cultura do país.



Diante das transformações sociais vividas pelo país desde a sua descoberta, o Brasil passou pelo processo de êxodo rural. Com a conseqüente urbanização, a cultura junina invadiu a cidade, consolidando-se no calendário das festas tradicionais, interligando as comemorações do meio rural às áreas urbanas.

[...] ligando os dois principais focos da sociabilidade pública: as ruas e igrejas. Nos dias santificados, as cidades se iluminavam enquanto o chão das ruas era decorado e as janelas, enfeitadas com tecidos e potes de flores. As igrejas reuniam o público em encontros esporádicos para os quais todos acorriam, desejosos de ver e serem vistos, mas também para assistir às representações teatrais de cantos e danças. (CHIANCA, 2009, p. 22).

Portanto, os brasileiros foram agregando os costumes indígenas às centenas de tradições imigrantes (portugueses, franceses, africanos, entre outros); uma interação cultural que deu origem ao ciclo junino. Assim sendo, as celebrações juninas no Brasil devem ser tratadas como uma expressão plural, pois é de fato uma rica tradição, resultante de incorporações diversas, com bases nos cultos pagãos, e que se manifesta em várias regiões do país de maneira distinta.

## 2.2. TRADIÇÕES

As festas juninas acontecem em várias partes do Brasil. No sul, os gaúchos comemoram com a dança das fitas. No centro-oeste, muitas cidades entram no ritmo da dança do cururu. No norte, a disputa entre Caprichosos e Garantido, no boi-bumbá, garante a festa. Mas é no nordeste onde se concentram as manifestações da cultura junina.

É no nordeste onde se conserva a tradição através da música e da dança. O rojão, os foguetes, o fole tocando, a fogueira queimando nas noites de São João, onde toda região se agita ao som da sanfona que dá um mexe-mexe no coração. (BARRETO, José R. P.; PEREIRA, Margarida de S. (Org.), 2002, p.14).

Ao todo, nove estados compõem a região nordeste, e cada um, à sua maneira, comemora os festejos juninos, revelando suas peculiaridades. Porém, em todos, há alguns elementos essenciais, que vão além das devoções aos santos do mês de junho.

Santo Antônio, São João e São Pedro são os mais populares no ciclo de comemorações dos nordestinos. Os fogos de artifícios e as fogueiras são tradicionais nesses dias de celebração aos santos. Para eles, crendices e simpatias, da população, para alcançar algumas graças.

Santo Antônio, o casamenteiro, é o primeiro das festas juninas, celebrado no dia 13. Além de ser padroeiro, dá nome a dezenas de cidades pelo país. Entre os cultos a Santo Antônio, a trezena é o principal; as louvações começam no dia 1º e seguem até o dia 13 de junho. Contudo a relação mais próxima entre os devotos e este santo se dá através das simpatias. A mais conhecida diz que se deve colocar Santo Antônio de cabeça para baixo, dentro de um poço ou atrás da porta e fazer o pedido. Só o tira de lá, quando o pedido for atendido. E como este é conhecido como o santo casamenteiro, os pedidos seguem sempre com algumas trovas.

“Santo Antônio pequenino,  
mansador de burro bravo,  
vem amarrar minha sogra,  
que é levada do diabo.”

“Santo Antônio me case já,  
enquanto sou moça e viva,  
o milho colhido tarde,  
nem dá palha, nem espiga.”



“Meu Santo Antônio querido,  
eu vos peço pro que sois,  
dai-me o primeiro marido,  
que o outro, arranjo eu.”

“Meu Santo Antônio querido,  
meu santo de carne e osso,  
se tu não me dás marido,  
não tiro você do poço.”

São João é o santo mais cultuado das festas juninas no nordeste, sendo anunciado com os cantos, mastros, fogueiras, fogos de artifícios, procissões. São João foi o precursor do Messias; filho de Isabel, prima de Maria, João nasceu meses antes de o seu primo Jesus vir ao mundo. Diz a tradição popular que o seu nascimento foi anunciado por um mastro e a chama da fogueira. Ao contrário dos outros santos, este é comemorado no dia do seu nascimento, dia 24 de junho. E como são comuns as simpatias e advinha, diz uma das tradições que a pessoa deve colocar duas agulhas numa bacia com água. Se elas juntarem é sinal que a pessoa vai arranjar um pretendente.

São Pedro, o guardião do céu, encerra o ciclo junino, sendo festejado no dia 29. Foi apóstolo de Cristo e é considerado o fundador da Igreja Católica, tendo sido o primeiro papa. Popularmente é conhecido como o porteiro ou chaveiro do céu, impedindo a ida dos mentirosos; é também o responsável pelas chuvas, considerado o santo protetor das viúvas e dos pescadores. Os fogos e as procissões marítimas são comuns em muitos Estados neste dia, mas a fogueira, dizem, só deve ser acesa na porta de quem se chama Pedro ou daquele que for viúvo.



**Figura 4 – Quadro do artista plástico pernambucano Militão dos Santos, retratando um arraiaí das festas juninas.**

O arraiaí é uma variação regional da palavra Arraial, que é o espaço onde se comemoram as festas juninas. O ambiente é decorado com bandeirinhas e balões, recebem as quadrilhas e o som do forró, o casamento caipira, as barracas de comidas típicas, etc. Hoje em dia, o arraiaí não se reduz a um único ambiente; se confunde com todos os espaços públicos e privados (praças, lojas, casas, entre outros), num sincretismo que revela a riqueza e a importância do folclore junino para a região. Nos arraiaís, a sociedade nordestina vive um dos seus níveis mais altos de sociabilidade. Desta maneira, fica evidente como as pessoas valorizam e vivenciam as festas juninas.

Os balões, antigamente muito utilizados como portadores de pedidos e agradecimentos a São João, hoje, após os inúmeros acidentes com incêndios, tornaram-se componente na ornamentação.



**Figura 5 – Apresentação da quadrilha “Asa Branca”, no “Arraial Lampião e Maria Bonita”, na cidade de Aracaju-SE. Foto: André Moreira / ASN.**

A quadrilha é um dos principais hábitos do período. A dança surgiu no século XVIII, na França, sob influências dos bailes aristocráticos ingleses, e se espalhou por toda a Europa. De acordo com a professora e pesquisadora de cultura popular, Aglaé Alencar (1994, p. 16), a quadrilha já era dançada no Brasil por volta de 1820. Apesar de ser uma dança de origem elitista, dos palácios europeus, a quadrilha invadiu o Brasil no período da colonização portuguesa. No início, recebeu a ajuda dos mestres de orquestra de danças francesas e a influência de tantos outros povos que chegaram ao Brasil. Prontamente, caiu no gosto popular, fixou-se no interior do país e ganhou diversos tipos de coreografias, tornando-se um espetáculo a parte durante os festejos juninos.

As quadrilhas se profissionalizaram e hoje se mobilizam em torno de grandes concursos, sejam locais ou regionais. Os trajes de veludo, rendas e sedas foram substituídos pelos tecidos de chita e as estampas xadrez. Na dança, o marcador é quem dá o comando dos passos aos pares. Algumas marcações: “Anariê” (do francês *en arrière*) - cavalheiros de frente para as damas; Olha a chuva! - dar meia-volta; É mentira! - volta para a direção anterior.

O costume passou a ser cantado e dançado ao som do forró; outro item essencial das festas. O “ritmo de origem estrangeira, a priori, é apossado por um povo que o faz veículo para contar suas histórias.” (BARRETO, José R. P.; PEREIRA, Margarida de S. (Org.), 2002, p.92). Tocado, basicamente, com o



triângulo, a sanfona e a zabumba, o forró traz, na maioria de suas canções, os aspectos da vida do nordestino, seja através do ritmo do baião, do xaxado ou do xote. Hoje, não é um gênero musical fechado; passou por diversas adaptações. Entretanto, a unanimidade está na contribuição marcante do músico pernambucano, Luiz Gonzaga, conhecido como o rei do baião.

### Noites Brasileiras

(Zé Dantas - Luiz Gonzaga)

“Ai que saudades que eu sinto

Das noites de São João

Das noites tão brasileiras na fogueira

Sob o luar do sertão

Meninos brincando de roda

Velhos soltando balão

Moços em volta à fogueira

Brincando com o coração

Eita, São João dos meus sonhos

Eita, saudoso sertão”

Outra atração das festas juninas são os casamentos caipiras ou matutos. Trata-se de uma encenação de matrimônio no interior do nordeste. O enredo é basicamente o mesmo, onde quer que aconteça: a cerimônia se realiza ao redor da fogueira, onde o pai da noiva grávida obriga o noivo, sob a mira de uma arma, a se casar com ela. O noivo bêbado tenta fugir até que surge o delegado. Assim, as histórias se multiplicam com as variações regionais. Tudo acaba ao som do forró, no compasso da quadrilha.



**Figura 7 e 8 – Desfile de carroças anunciando o casamento caipira na Rua São João. Foto: Robinho/arquivo pessoal.**

Das receitas indígenas, africanas, européias e das subsequentes adaptações, nasceu a culinária junina, que completa a alegria deste ciclo de comemorações. O milho é a base da maioria das receitas e deve ser “(...) plantado geralmente no dia de São José, 19 de março, como manda a tradição, permitindo que em junho esteja na mesa de todos, transformado em pamonha, bolo, canjica, mugunzá, pipoca(...)” (ALENCAR, 1994, p. 49). Ainda tem o cuscuz, o quentão, o bolo de mandioca, o amendoim e tantos outros quitutes básicos das festas.

### 2.2.1. Sergipe é o país do forró

“Sergipe é o país do forró,  
tem milho, canjica e quentão  
quando chega o mês de Junho,  
na rua de São João,  
o forró vai começar,  
laiá laiá...”

“Sergipe é o país do forró” é o título da canção composta pelo cantor sergipano Rogério. Bastante popular entre os mestres forrozeiros do Estado, com mais de 30 anos dedicado à música nordestina, Rogério compôs a música em um momento de ciúmes da cidade pernambucana Caruaru, conhecida como a “Capital do forró” e versada por uma canção, de mesmo título, do forrozeiro Jorge de Altinho. Histórias à parte, a canção de Rogério promoveu, simbólica e popularmente, o estado de Sergipe a país do forró. Para tanto, contribuíram as tantas celebrações do ciclo junino por todo o estado

O clima das festas pode ser percebido ainda no mês de maio. As cidades são ornamentadas, os quitutes juninos voltam ao cardápio, as quadrilhas ensaiam para as apresentações. E durante todo o mês de junho, os festejos juninos são intensamente comemorados desde a capital Aracaju, até os mais distantes municípios.

Em Aracaju, dia de São João é feriado. Vários bairros se mobilizam nas comemorações, ornamentando as ruas, organizando arraiás e concursos de quadrilha, bem como as apresentações musicais. Entre as mais tradicionais está a festa da Rua São João, no bairro Santo Antônio, com quase um século de tradição cultural. De acordo com Aglaé Alencar (1994, p. 93), a rua recebeu esse nome devido ao amplo louvor dos moradores da região ao santo, através das novenas e procissões durante o período. Ao culto religioso, a vizinhança acrescentou a dança de coco de parelha, os concursos de quadrilhas, as apresentações de trios pé-de-



serra, as barracas de comidas típicas. Data de 1949 a primeira quadrilha de Aracaju: “Quadrilha São João de Deus”, nascida da ideia dos moradores da rua. A comunidade e os visitantes se reuniam ao redor de um palanque de madeira coberto de palha. Substituído posteriormente por uma construção em alvenaria, o palanque ficou conhecido como “quadrilhódromo”. Por décadas, o espaço foi uma tradição nas festas juninas. Algumas destas ainda persistem, como o casamento caipira, que começa com os desfiles de carroças enfeitadas, transportando os noivos e convidados do matrimônio.

A festa de Santo Antônio começa em Aracaju no dia 1º de junho, na igreja da colina de Santo Antônio, localizada no bairro de mesmo nome, com a trezena religiosa que segue até o dia 13, com alvorada festiva com fogos e repiques, além da missa solene. Durante o dia ainda tem a procissão com a imagem do santo pelas ruas da cidade.

O sentido religioso faz parte do ritual das tradições juninas. Atentos à popularidade das festas, empresários e administrações públicas estão se apropriando do costume para uso comercial. Alguns rituais estão se transformando em grandes eventos de caráter econômico. É o caso do “Forró Caju”, promovido pela prefeitura da capital sergipana. A festa se tornou um grande espetáculo urbano, onde acontecem as apresentações musicais. Artistas da terra e grupos nacionais se apresentam nos palcos montados na praça de eventos do mercado municipal, que vira um imenso arraial atraindo mais de 150 mil pessoas por dia.

Seguindo o mesmo caráter, outro espaço de Aracaju bastante concorrido é o Arraiá do povo, na orla da praia de Atalaia. Organizado pelo governo do Estado, o espaço conta com uma cidade cenográfica ao redor de um arraial, atraindo principalmente grupos de família e turistas para as apresentações culturais, as barracas de comidas típicas e de artesanato.



**Figura 8 - O grupo de Bacamarteiros, do município de Carmópolis, se apresenta no Arraiá do Povo. Foto: Alejandro Zambrana/Emsetur.**

No interior do Estado as comemorações se multiplicam. No município de Itabaiana, no agreste sergipano, as celebrações populares são principalmente para Santo Antônio. Padroeiro da cidade, o santo é reverenciado pelos caminhoneiros, que saem aos milhares pelas ruas em procissão com a imagem do santo.

Na região sul do estado, no município de Estância, as homenagens aos santos juninos começam no último dia do mês de maio. Entre as singulares atrações da cidade, as corridas de barco de fogo e as batalhas de busca-pés atraem muitos curiosos. O espetáculo pirotécnico é realizado em espaços cercados por telas de arame, como medida preventiva a acidentes.



**Figura 9 – Suspensão, o barco corre impulsionado pela força dos foguetes.**

**Foto: Cesar Oliveira/ASN.**

Em Areia Branca, cidade situada a 36 km da capital Aracaju, é proibido soltar fogos de artifício, mas as noites de forró não têm hora para acabar. São João é o padroeiro do município, que recebe centenas de pessoas, todos os anos, no “farródromo” para as apresentações musicais. O ciclo junino da cidade é encerrado com um grande café da manhã oferecido aos visitantes.

No nordeste do Estado, outra tradição é a festa do mastro no município de Capela, que teve início em 1939. No dia 31 de maio tem a “Sarandaia”, quando os moradores saem pelas ruas, ao som da zabumba, acompanhados dos bacarmateiros, recolhendo prêmios pela vizinhança, para serem colocados no mastro no dia de São Pedro. Neste dia, centenas de pessoas vão à mata a procura do mastro. Melados de lama, seguem com a árvore escolhida nos ombros até que seja fincada na praça São Pedro, onde recebe os presentes arrecadados anteriormente. A festa segue com o desfile de carroças e o casamento de viúva, até o momento da queima do mastro.



**Figura 10 e 11 – Batalhão dos Bacarmateiros, do povoado Aguada, em Carmópolis-SE. Foto: Ascom/Funcaju.**

A 47 km de Aracaju, no município de Carmópolis, a tradição junina é comemorada pelo bacarmateiros. Na noite do dia 24 de junho, São João é celebrado com danças, músicas e os tradicionais tiros de bacarmate. Trata-se de uma arma de fogo artesanal. Em noites festivas, um grupo com de 50 participantes formam um



batalhão. As mulheres, com trajes típicos, acompanhadas de pífanos, dançam em torno dos homens que continuamente disparam os tiros de bacamarte.

Enfim, do sagrado ao profano, os ritos juninos acontecem em várias partes e de diversas formas por todo o Estado. Mesmo sendo impossível mencionar e descrever todas as expressões culturais do ciclo junino, mostrar-se evidente, pelos exemplos acima mencionados, o valor cultural das festas juninas para a população de Sergipe.

### 3. FESTAS JUNINAS NA TV

*A verdade é que a imagem não é a única que mudou. O que mudou, mais exatamente, foram as condições de circulação entre o imaginário individual (por exemplo, os sonhos), o imaginário coletivo (por exemplo, o mito) e a ficção (literária ou artística). Talvez sejam as maneiras de viajar, de olhar, de encontrar-se que mudaram, o que confirma a hipótese segundo a qual a relação global dos seres humanos com o real se modifica pelo efeito de representações associadas com as tecnologias, com a globalização e com a aceleração da história. (Marc Augé, 1998).*

Aproximar pessoas, entreter, informar, formar opiniões, inspirar hábitos e comportamentos. Todas essas funcionalidades deram à televisão a possibilidade de aproximar a realidade social do ambiente comunicacional. E é através desse processo que a sociedade passa a se inserir em um novo contexto social, onde o mundo passa a ser entendido através da tela.

Por todo o país, o aparelho transmissor de imagens e sons ocupa um espaço de tempo significativo no cotidiano das pessoas, configurando-se como um dos principais meios de entretenimento da população brasileira. E durante o período das festas juninas, os telespectadores, especialmente os nordestinos, têm mais motivos para assistirem televisão.

As festas juninas tornaram-se uma atração a parte para quem assiste da tela de casa. Os santos juninos não são mais os únicos responsáveis por provocar tanto rebuliço na região nordeste. A união dos elementos sagrados e profanos, espetacularizados pela mídia dão o tom especial das festas. Seja através dos telejornais, dos programas especiais ou das transmissões ao vivo, as



comemorações juninas se popularizam cada vez mais e com novas dimensões sociais. E são essas interações que constituem o espetáculo midiático, ou melhor, o arraiaí telemidiático.

### **3.1. ARRAIÁ TELEMIDIÁTICO**

A expressividade dos festejos juninos na região nordeste do país é um elemento chave para entender a aproximação entre as manifestações populares e o ambiente midiático. As comemorações se estendem do litoral ao sertão e além de mobilizar milhares de pessoas, movimentam diversos setores: econômico, político, cultural, turístico, comunicacional. Isso mostra a dimensão da tradição para a população dessa região, mas para fins deste trabalho o foco será o setor comunicacional.

Durante o mês de junho, diversas emissoras de televisão do nordeste se integram em um mesmo propósito: as festas juninas. Entre as iniciativas mais populares, as séries de reportagens mostram como são comemoradas as festas juninas nos diversos estados. Assim, os aracajuanos conhecem um pouco mais da cultura dos caruaruenses, que também podem apreciar a grande festa dos campinenses e assim por diante. Forma-se uma verdadeira cadeia cultural, que interliga povos e cidades em torno de um símbolo cultural. Tudo isso através do suporte midiático.

As emissoras da Rede Globo e Rede Record, por exemplo, além das coberturas durante a programação local, promovem uma série de eventos. No mês de junho a TV Globo Nordeste, juntamente com as afiliadas (TV Gazeta, Rede Bahia, TV Verdes Mares, Rede Mirante, TV Cabo Branco, TV Paraíba, TV Clube, InterTV e TV Sergipe) produz programas especiais, como o “São João do Nordeste”, “Causos e Cantos” e “Estação Nordeste”. No “São João do Nordeste” as afiliadas transmitem conjuntamente e ao vivo, durante alguns dias de junho, os maiores arraiaís. Lideradas pela emissora de Pernambuco, considerada “cabeça de rede”, as

emissoras regionais se revezam na transmissão dos shows musicais para toda a região.

As emissoras da TV Record na região seguem a mesma tendência, com produtos semelhantes. Lideradas pela TV Itapoan, as afiliadas se organizam nas transmissões ao vivo e séries especiais. Entre as principais iniciativas, comum às emissoras a todas as emissoras, estão os concursos de quadrilhas juninas. A lógica das competições é a mesma: das disputas estaduais saem as representantes para as competições regionais.

Através dessas e outras iniciativas este ciclo cultural deixou de ser apenas do interesse dos seus protagonistas. Cada vez mais as emissoras de televisão do nordeste tornam mais intensa essa relação entre comunicação e cultura junina. Como resultado desse avanço tecnológico-comunicacional, as festas juninas vão se projetando em um novo espaço social, em cujas formas de percebê-la estão na mídia. É o que Sodré considerada como o *ethos* midiaticizado.

Com as tecnologias do som e da imagem (rádio, cinema, televisão), constituiu-se o campo do audiovisual, e o receptor passou a acolher o mundo em seu fluxo, ou seja, fatos e coisas reapresentadas a partir da simulação de um tempo “vivo” ou real, na verdade uma outra modalidade de representação, que supõe um outro espaço-tempo social (imaterialmente ancorado na velocidade do fluxo eletrônico), um novo modo de auto-representação social e, por certo, um novo regime de visibilidade pública. (SODRÉ, 2008, p. 16).

Os produtos televisuais passam a atuar na constituição de um painel reflexo de comportamentos diversos. Logo, com a televisão, os festejos juninos passaram a ter um novo espaço-tempo sustentado pelo fluxo das imagens. Assim, na medida em que o tema é pautado pelas programações locais e regionais, pode-se dizer que há um processo de re-conhecimento sócio-cultural por meio da influência televisual.

As produções midiáticas fazem uma espécie de recorte cultural, no qual estereotipa matrizes culturais juninas através de mecanismos mediadores que fazem circular e confundir a realidade cotidiana com o espetáculo simulado do tempo

abstrato do ato comunicativo, cujos códigos se propõem a representar o real, de forma que “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real.” (DEBORD, 1997, p.15).

Deste modo, passamos a considerar as festas juninas a partir do espetáculo midiático. Diante dessa dinâmica este trabalho propõe o termo arraiá telemidiático, pois se por um lado a televisão se apropria dos festejos juninos, do outro a cultura popular invade o espaço televisual. Assim, o telespectador nordestino se habituou a assistir e contemplar nos telejornais, durante o mês de junho, como são comemoradas as festas juninas.

As emissoras de televisão da região operam como mediadora cultural para todo o país, atuando na constituição do imaginário coletivo. Um processo articulatório que também gera novas demandas de consumo, não apenas para aqueles que assistem de longe, como também para aqueles que vivem os ambientes juninos nos estados.

Trata-se de um processo contínuo, onde na medida em que as pessoas consomem os bens culturais midiáticos, as manifestações populares se reinventam. Novos valores e significados são acrescentados de acordo com a demanda desta sociedade midiática. Desta maneira, a televisão que se concebia um instrumento de registro, tornou-se um mecanismo participante da dinâmica cultural. Não se trata de uma constituição de realidades, assim como pensa Bourdieu. Para o autor, caminha-se cada vez mais na direção em que o mundo social é descrito e prescrito pela televisão. A televisão se torna árbitro do acesso à existência social e política. (BOURDIEU, 1997, p. 29).

Como boa parte da programação das emissoras de televisão é dedicada às reportagens e aos programas especiais que tratam do tema junino, as pessoas são levadas a crer, através da programação local e regional, sobre quais elementos culturais se relaciona. É como pensar que a televisão faz um retrato cultural; uma exposição e um resgate de realidades vivenciadas; um espaço onde os telespectadores se reconhecem como sujeitos projetados na tela. Um processo que Sodré (2008, p. 21) denomina de “telerrealização” do social e que está presente na

articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação.

Mas esse processo não significa uma espécie de encenação abstrata do real. Toma-se como exemplo as simpatias típicas deste período. O assunto é comumente explorado na televisão por sua referência religiosa, como também pelas experiências irreverentes. Os pedidos a Santo Antônio são mais comuns do que se pode imaginar. Certamente centenas de mulheres amarram uma fita vermelha e outra branca no braço da imagem de Santo Antônio para arrumar um marido. O costume, com todas as suas variações, têm espaço garantido na tela. É neste espaço que se reconhece o processo de “telerrealização”, onde toda familiaridade e intimidade dos devotos com os santos juninos são vividas, revistas e reinventadas na/pela tela.

Com essa credibilidade e por meio da renovação diária da percepção social, a televisão desenvolve a cada dia novas formas de representação social. Com o ambiente dos desejos e aspirações “ao alcance”, os indivíduos passam a se entender como sujeito através da mídia. O pesquisador Jesús Martín Barbero reconhece esse processo e coloca a televisão em um lugar estratégico nas dinâmicas culturais: na construção dos imaginários.

“Pois se gostamos ou desgostamos da televisão, sabemos que é, hoje, ao mesmo tempo o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação da cotidianidade e dos gostos dos setores populares, e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo da cultura popular, entendendo por isso não as tradições específicas de um povo, mas o caráter híbrido de certas formas de enunciação, certos saberes narrativos, certos gêneros novelescos e dramáticos das culturas do Ocidente e das mestiças culturas de nossos países.” (BARBERO, 2004, p. 27).

Portanto, a mídia torna-se um importante mecanismo de produção de sentidos sociais. Marcondes Filho também trata sobre o assunto e aponta que nesse contexto existem dois mundos: “Um deles é o das coisas práticas [obrigações,

normas, compromissos] (...). Ao lado desse mundo, há um outro, o da fantasia. É puramente mental, interno, subjetivo. Nele nos entregamos aos sonhos; é praticamente ele que move o outro.” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 7). É nesse mundo de aspirações que a mídia se aproxima e interfere sobre os laços sociais.

O clima das festas juninas arreda das ruas e envolve os telespectadores nordestinos que contemplam pela tela. Os personagens, as danças e os típicos rituais estão disponíveis para o deleite dos telespectadores. De volta aos arraiais, a tradição ganha novos sentidos. Entre o vivenciar e o assistir, a tradição junina é apropriada e reapropriada continuamente. Através dessa dinâmica, a cultura junina é “construída” na tela, estabelecendo uma série de interações mediadas. Desta maneira, “estamos situando [a televisão] no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante”. (BARBERO, 2008, p. 197).

Assim é possível considerar a televisão como uma instituição social mediadora. No arraiaí telemidiático, os produtos televisuais atuam na dinâmica do processo cultural, paralelamente e não necessariamente concordante a outras instituições. Essa é uma dinâmica ininterrupta, pois da tela nasce outra série de intertextos que formam a leitura de cada telespectador.

É evidente o interesse comercial sobre as manifestações culturais, mas não há como a cultura manter-se insensível às tendências, às mudanças sociais. É o caso do forró, que por décadas teve como símbolo musical o rei do baião, Luiz Gonzaga. Hoje os ritmos da dança se multiplicaram, ganharam projeção midiática e popularidade. A televisão acompanha essas transformações culturais. “O novo ponto de partida se acha então no processo de fetichização do meio de comunicação enquanto atuante, metamorfoseador das relações sociais em coisas, em natureza.” (BARBERO, 2004, p. 51). É assim que televisão, através dos mecanismos simbólicos de sua linguagem, interfere sobre os processos culturais. Essa capacidade de intervenção, característica de uma sociedade midiaticizada, é possível

graças a concretização das aspirações dos sujeitos reinseridas pela mídia na esfera social.

Não se questiona mais a força dos meios de comunicação nesse contexto de transformações. O fato é que essas alterações não significam uma mudança completa e radical. Quando se trata de festas juninas, os novos elementos culturais se somam ao arraiá telemidiático e, conseqüentemente ao contexto social, sem que isso signifique o abandono completo das tradições. Levando-se em consideração o típico gênero musical, Luiz Gonzaga continua reinando nos arraiás, mas agora divide espaço musical com as bandas estilizadas como Calcinha Preta, Aviões do Forró, Mastruz com Leite, Forró do Muído e tantas outras que surgem anualmente.

Como produto dessas interações é que nasce a *tecnocultura*. Sodré sugere o termo como “uma designação, dentre outras possíveis, para o campo comunicacional enquanto instâncias de produção de bens simbólicos ou culturais, mas também para a impregnação da ordem social pelos dispositivos maquímicos de estetização ou culturalização da realidade.” (SODRÉ, 2001, p. 7). Portanto, estamos tratando da “tecno-festa junina”.

### **3.2. ARRAIÁ NAS TELAS DE SERGIPE**

No menor dos estados brasileiros, as festas juninas são tradições que se estendem por todo o mês de junho. Vivenciadas nos quatro cantos do estado, as comemorações também são assistidas através de milhares de televisores.

Localizado na região nordeste, Sergipe possui setenta e cinco municípios, com população estimada em mais de 2 milhões de pessoas, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar de pequeno em termos territoriais e populacionais, a dimensão do Estado ampliar durante o mês de junho.



Nesta época a população, ou pelo menos boa parte, se mobiliza em torno dessa expressão cultural. Ao povo se unem os visitantes de diversas partes do país, curiosos para entender e participar das festas juninas nos arraiais espalhados pelo Estado. Na medida em que a tradição encanta e mobiliza cada vez mais pessoas, conquista também o seu espaço na mídia. É como dizer que os festejos juninos sergipanos estão ampliando seus horizontes. As demonstrações culturais já vão além dos espaços físicos e conquistam, cada vez mais, os ambientes midiáticos, com reconhecido destaque para a televisão.

O veículo de comunicação em referência é o de maior audiência na região. Seguindo a tendência a nível de país, as estatísticas para o estado de Sergipe apontam que a televisão é principal meio de comunicação. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – 2008), realizada pelo IBGE, aponta que 96% dos domicílios sergipanos possuem televisão, enquanto que o rádio chega a 86% dos lares. Portanto, este é o veículo que, proporcionalmente, atinge mais pessoas.

Com tamanho poder de alcance e conseqüente audiência, a televisão se mostra sensível ao contexto cultural. No mês de junho, a programação local das emissoras de televisão se volta para os festejos juninos. Deste modo, a mediação tecnológica vem alterando a posição da cultura na sociedade. Se levarmos em consideração que os sergipanos não só presenciam as festas juninas, como também assistem com relativa frequência, inclui-se mais uma forma de percepção sócio-cultural.

O espetáculo junino ganhou expressão na televisão e vem modificando as formas de percebê-los. Nesse sentido, consciente ou não, as emissoras do Estado desenvolvem conteúdos relacionados e têm atraído mais olhares. Contextualiza-se:

Sergipe possui duas emissoras locais via cabo, conhecida como TV por assinatura. A mais antiga, a TV Cidade, afiliada a RedeTV, realiza diversas coberturas com a temática junina. Os programas jornalísticos e de entretenimento destacam a comemoração de diversas formas. O destaque da emissora é a cobertura ao vivo das principais festas. Durante alguns dias do mês, a TV Cidade



transmite os shows que acontecem no Forró-Caju, em Aracaju, e no Forró Siri, em Nossa Senhora do Socorro. Apesar de ser a emissora com mais programas locais, a programação junina é basicamente é uma comercial, financiada por empresas que são nominalmente divulgadas pelos apresentadores durante as transmissões.

A Aperipê TV é a emissora pública de televisão, com sede em Aracaju. A cobertura da emissora, que retransmite a programação da TV Brasil, atinge 50% do Estado. A programação da Aperipê também se volta para as festas juninas. Não apenas no telejornal, como também nos programas especiais produzidos pelo Estado. A emissora já realizou transmissão ao vivo para todo o país, em cadeia com a TV Brasil. Nas transmissões, o diferencial são os vídeos especiais que mostram algumas das tradições que envolvem a cultura junina. Portanto, não se trata de uma cobertura com caráter prioritariamente comercial.

Além destas, há ainda outras duas emissoras operando em sinal aberto. A TV Atalaia é uma emissora afiliada a Rede Record. O mês de junho conta com as tradicionais coberturas nos telejornais, além de programas especiais. A emissora produz um programa especial que vai ao ar durante este período. Um ator, caracterizado de caipira, conversa com diversos convidados que possuem relação com a cultura junina. A TV Atalaia também organiza há dois anos um concurso de quadrilhas juninas, que por sua vez ganha repercussão durante toda a programação.

Por fim, tem a TV Sergipe, emissora afiliada à Rede Globo. Tendo em vista os índices de audiência superiores e a quantidade de produtos relacionados à cultura junina, esta emissora servirá de base para o estudo. Portanto, sua programação será descrita amplamente na próxima seção.

### **3.3. TV SERGIPE: O SÃO JOÃO ACONTECE POR AQUI**

A TV Sergipe é uma emissora de televisão, afiliada à Rede Globo, com sede em Aracaju. A emissora foi criada em 1971, inicialmente afiliada à Rede Tupi,

mudando em 1975 para o grupo carioca da família Marinho. O sinal da emissora chega a 65 municípios do Estado, transmitindo para a região a programação nacional da rede, além dos programas locais. São quatro telejornais: o Bom Dia Sergipe, o Radar SE, SETV 1ª edição e SETV 2ª edição. As reportagens especiais são exibidas no programa Terra Serigy. Já as notícias do esporte no Globo Esporte Sergipe e no programa Viva Esporte. A TV Sergipe conta ainda com um produto para o setor rural, o Estação Agrícola.

A emissora é líder em audiência no Estado. A última pesquisa sobre audiência domiciliar, realizada pelo Ibope MediaWorkstation, no mês de abril de 2010, aponta a liderança absoluta dos principais telejornais. Em termos de participação sobre o total da audiência, a TV Sergipe fica com a maior porcentagem:

- Bom Dia Sergipe: 55,23%.
- SETV 1ª Edição: 59,49%.
- SETV 2ª Edição: 76,95%.

Os números representam o total de televisores ligados na programação da emissora, que tem a seguinte frase como slogan: Você acontece por aqui. A começar por esta frase de efeito, que identifica a emissora, percebe-se a tendência tecnoperceptiva.

Algumas produções audiovisuais revelam a posição da emissora em relação ao contexto cultural do Estado. Durante o mês de junho o slogan da emissora ganha uma nova versão: O São João acontece por aqui. A frase reforça sua posição de mediadora cultural e difusora da cultura popular. Para tanto, além da cobertura nos telejornais, a TV Sergipe conta com alguns produtos especiais que envolvem o ciclo junino no Estado. Tradicionalmente o período conta com uma programação peculiar.

O Levanta Poeira é o concurso de quadrilhas da emissora, que durante os meses de maio e junho mobiliza grupos de diversos municípios em torno da disputa pelo melhor grupo. O concurso, que no ano de 2010 completou seis edições, tornou-se o maior do Estado e conseqüentemente virou atração para a população que



assiste às apresentações, assim como para os telespectadores que acompanham as disputas durante a cobertura dos telejornais. Cada quadrilha se organiza em torno de uma temática, que direciona os passos e as vestimentas. Tantos retalhos culturais, quando reunidos na televisão, ajudam a traduzir os significados da cultura junina nesse espaço de representação. A equipe que melhor faz isso, disputa o festival regional de quadrilhas juninas da Rede Globo Nordeste. Em 2009, a quadrilha “Unidos em Asa Branca”, representante de Sergipe, venceu a disputa na cidade de Fortaleza, no Ceará.

Outro produto que é destaque na programação é o “São João da Gente”. Trata-se de um quadro televisivo, exibido nas edições do mês de junho do telejornal SETV 1ª edição. Através de um narrador-personagem, o telespectador é levado a uma série de viagens pelo Estado que destacam as inúmeras expressões culturais. O formato do quadro é inédito na grade local da emissora e, a cada ano, cativa o telespectador pela forma original de apresentar a cultura junina, distanciando-se da formalidade de um telejornal e transformando essa tradição em espetáculo televisivo.

### 3.3.1. Telejornais e as festas juninas

Para evidenciar a representatividade das festas juninas na programação da emissora, foi realizada uma pesquisa sobre o tempo ocupado pela temática junina nos telejornais. A análise compreende os três principais telejornais: Bom Dia Sergipe, SETV 1ª edição e 2ª edição. Foram contados os tempos de todas as edições dos telejornais, exibidas no mês de junho de 2009. Esse tempo envolve as reportagens e as entradas ao vivo (link) que trataram do assunto. Não foi contabilizado o tempo da “Agenda cultural”, exibida às sextas-feiras no SETV 1ª edição, nem o tempo das notas lidas pelos apresentadores sobre o tema. A constatação não surpreende: os telejornais maximizam a temática durante o mês em que os festejos estão em alta, conforme descrição a seguir.

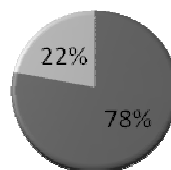
### 3.3.1.1. Bom dia Sergipe

O telejornal Bom dia Sergipe, exibido de segunda à sexta, a partir das 06 horas e 30 minutos, foi ao ar vinte e duas vezes durante o mês de junho. Neste período, com exceção do dia 18/06/2009, foram exibidas quarenta e sete matérias e dezoito entradas ao vivo com a temática dos festejos juninos. Além disso, contou com uma entrevista especial no estúdio, tratando das vítimas de queimaduras. No acumulado do mês, o telejornal ocupou treze horas, trinta e três minutos e quarenta e quatro segundos na programação da TV Sergipe. Desse total, duas horas, cinqüenta e oito minutos e treze segundos foram dedicados ao tema junino. Isso equivale a 22% do tempo total do telejornal durante o mês em questão (gráfico 1).

GRÁFICO 1

## PORCENTAGEM TEMPO/CONTEÚDO

■ OUTROS ■ FESTAS JUNINAS



### 3.3.1.2. SETV 1ª edição

O telejornal SETV 1ª edição, exibido de segunda a sábado, a partir das doze horas, foi ao ar vinte e seis vezes durante o mês de junho. Nestes dias, sem exceção, foram exibidas oitenta e duas matérias e vinte e três entradas ao vivo com a temática dos festejos juninos. No acumulado do mês, o telejornal ocupou treze horas, quarenta e quatro minutos e cinco segundos na programação da TV Sergipe. Desse total, seis horas, catorze minutos e quarenta e nove segundos foram dedicados ao tema junino. Sendo que duas horas, cinqüenta e seis minutos e cinquenta segundos foram dedicados ao quadro especial “São João da Gente”, apresentado em todas as edições do telejornal no mês de junho. O tema das festas juninas representou 45% do tempo total do SETV 1ª edição durante o mês de junho de 2009 (gráfico 2). Desta parcela, o quadro “São João da Gente” corresponde a 32% (gráfico 3).

GRÁFICO 2

## PORCENTAGEM TEMPO/CONTEÚDO

■ OUTROS   ■ FESTAS JUNINAS

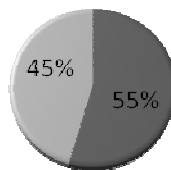
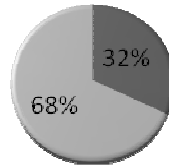


GRÁFICO 3

## PORCENTAGEM FESTAS JUNINAS/"SÃO JOÃO DA GENTE"

■ "SÃO JOÃO DA GENTE"   ■ FESTAS JUNINAS



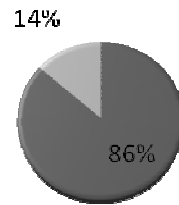
### 3.3.1.3.     SETV 2ª edição

O telejornal SETV 2ª edição, exibido de segunda a sábado, a partir das dezenove horas, foi ao ar vinte e seis vezes durante o mês de junho. Em dezesseis dias foram exibidas trinta e uma matérias e cinco entradas ao vivo com a temática dos festejos juninos. No acumulado do mês, o telejornal ocupou cinco horas, cinquenta e oito minutos e quarenta e um segundos na programação da TV Sergipe. Desse total, quarenta e oito minutos e quarenta e nove segundos foram dedicados ao tema junino. Durante o mês, o tema junino ocupou 14% do telejornal (gráfico 4).

**GRÁFICO 4**

## PORCENTAGEM TEMPO/CONTEÚDO

■ OUTROS ■ FESTAS JUNINAS



#### 4. SÃO JOÃO DA GENTE

Há oito anos o quadro São João da Gente vai ao ar na TV Sergipe. Para acompanhar as histórias é necessário assistir o telejornal SETV 1ª edição, exibido durante o horário do almoço. Diante desse ambiente familiar, as edições de junho do noticiário cedem espaço para tratar de cultura e, conseqüentemente, empresta sua credibilidade ao quadro.

Mesmo que o tempo da televisão muitas vezes não intensifique as matrizes culturais, mas as dilua, o São João da Gente é um espaço em que se vê algo a mais do que a indústria do forró.

Ver um objeto é ou possuí-lo à margem do campo visual e poder fixá-lo, ou então corresponder efetivamente a essa solicitação, fixando-o. Quando eu o fixo, anoro-me nele, mas esta parada do olhar é apenas uma modalidade de seu movimento: continuo no interior de um objeto a exploração que, há pouco, sobrevoa-os a todos, com um único movimento fecho a paisagem e abro o objeto. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 104-105).

A partir da propensão da população em apreciar o arraiá telemidiático, o quadro faz uma espécie de recorte que intensifica determinados signos culturais que não são comumente vistos na tela ou vivenciados. Na medida em que as expressões culturais e suas imagens despertam o fascínio de telespectadores, o quadro potencializa a construção da memória imagética cultural.

A espetacularização das imagens culturais pela televisão constituem a impressão de vivência/compartilhamento sócio-cultural. A dinâmica da narração do quadro, conduzida por Pierre Feitosa, e os apelos das histórias faz com que o telespectador envolva-se ao arraiá da televisão. Com o envolvimento do telespectador com as imagens, a sensação passa a ser não apenas de observador, mas de participante. É nesse momento em que o telespectador identifica-se com o objeto cultural e percebe-se dentro do arraiá telemidiático.

A proposta do quadro São João da Gente segue bem a lógica do pensamento do francês Dominique Wolton: “(...) comunicar é ser, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também fazer, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele.” (WOLTON, 2006, p.15). No quadro a relação entre emissor e receptor tornou-se mais funcional e complexa. A comunicação não é apenas um processo de produção e distribuição de mensagens. Todos os elementos agora se entrelaçam e interagem. Personagens, histórias, cenários, sons e linguagem criam um ambiente comum aos telespectadores.

Nos cenários tipicamente nordestinos, o narrador-personagem faz um resgate histórico, interligando a tradição junina aos personagens encontrados em diversos municípios do estado. Em se tratando de história, Baudrillard (1991, p. 59) acredita ser esta o nosso referencial perdido no tempo, que encontra refúgio nas “janelas do mundo”, ou seja, nos meios de comunicação. Sendo assim, as tradições juninas apresentadas na TV pelo quadro, ganham caráter de mito. Ao convertê-lo em símbolos culturais, percebe-se que a essência do “São João da Gente” está na construção de uma experiência humana simulada, que se utiliza de personagens, valores e expressões para criar o aspecto de realidade.

Cada história, elemento visual ou sonoro trazidos pelas imagens constitui o caráter cultural do quadro; dá concretude ao contexto cultural. Para Debord (1997, p. 15), isso seria de fato o espetáculo, onde a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do mesmo e retoma em si a ordem espetacular à qual, todos aderem de forma positiva. Muitos sergipanos se vêem representados ou mesmo querem se ver naquele espaço. Assim, a cultura junina do Estado amplia seus sentidos e a noção de espaço, projetando-se no araiá telemidiático.

Anterior a isso há um processo de construção do sentido. Para tanto, supõe-se a troca social estabelecida pelas imagens. Charaudeau (2006, p. 41) diz que “sentido se constrói ao término de um duplo processo de semiotização: de *transformação* e de *transação*.”. Aplicando-se essa lógica ao contexto, percebe-se como se dá esse processo. No caso do São João da Gente, os elementos da cultura popular são *transformados* em cultura junina, que por sua vez passam por um

processo de *transação* que lhe dão significado psicossocial. Todo esse mecanismo pode ser entendido nas descrições que se seguem de alguns episódios do quadro.

#### 4.1. NO COMANDO

A partir do mês de março, a equipe da TV Sergipe começa a idealizar e produzir os episódios que são exibidos durante o mês de junho. O jornalista Dida Araújo é o diretor do quadro. Ele é responsável pela edição e os roteiros, que são inteiramente discutidos e reinventados espontaneamente, durante as gravações, pelo ator Pierre Feitosa, o narrador-personagem. Completa a equipe, o também jornalista, Fernando Petrônio, responsável pela produção das gravações. As imagens são feitas pelo repórter cinematográfico Humberto Alves. Todos sob a supervisão da diretora de jornalismo da emissora, Ligia Tricot.

#### 4.2. PARODIANDO AS FESTAS JUNINAS

*Vista como um dos elementos da oposição mundo/antimundo, a paródia torna-se algo inerente a toda uma tradição cultural. (Shnnaiderman, 1983).*

O elemento cômico é bastante expressivo na apresentação do ator, um talento descoberto ainda na infância. O trabalho dos familiares despertou o mundo artístico para Pierre. O bisavô era músico da orquestra do município de Laranjeiras. Sua mãe cantava na igreja, além de atuar no teatro. Quando criança fazia poesias e declamava, com direito a dramatizações juntamente com a mãe. Participou de espetáculos como “A Paixão de Cristo”, além de se destacar nas encenações no dia das mães, dos pais, das crianças, natal e tantas outras comemorações.

Ainda estudante, Pierre participou de três peças do grupo teatral Calov. Durante a juventude, participou de diversos cursos de teatro em Aracaju, aperfeiçoando as técnicas de interpretação, expressão corporal, cenografia, entre outras. A paixão pelas artes cênicas era compartilhada por alguns amigos, que por sua vez trataram de criar o “Imbuçã”, grupo de teatro de rua. A primeira encenação do grupo foi em 1977, na feira do bairro Siqueira Campos, na capital. Pierre fez parte desse grupo por dez anos, com um intervalo durante o período que passou na Alemanha. Entre os anos de 1989 e 1996, Pierre Feitosa morou legalmente na cidade de Amsterdã. Na volta a Sergipe, o ator se consagrou fazendo a locução de concursos de quadrinhas. Daí é que surgiu o convite para que o ator Pierre Feitosa se integrasse a equipe da TV Sergipe, para levar o telespectador a um passeio pelas expressões da cultura junina do estado. Foi o início do quadro São João da Gente.

Hoje pode-se considerar que se o quadro é sucesso, um dos principais méritos é para o ator Pierre Feitosa. Integrando-se às histórias reais e aos mitos juninos, Pierre atua de diversas maneiras expondo a cultura através do seu espírito paródico. Essa característica peculiar do ator sergipano faz sucesso entre os telespectadores, que somada à versatilidade dele, em atuar como intérprete, tradutor e guia turístico, dão o tom especial do quadro. Desde que iniciou na apresentação do quadro, Pierre tornou-se uma figura pública adorada no estado. Em cada município por onde passa, as pessoas querem vê-lo de perto; conversar para saber se aquele personagem da televisão é de fato real.

Histórias e personagens que andavam esquecidos ou mesmo que nunca tiveram seu valor reconhecido, passaram um ter destaque diferenciado na mídia através das andanças do ator pelos municípios do estado. É como pensar que Pierre assume um papel de guia dos telespectadores por roteiros culturais pouco explorados; por uma cultura junina pouco vista na tela, mas que aos poucos o povo se vê representado. E como guia de turismo, Pierre procura alimentar a curiosidade do telespectador para as informações sobre expressões culturais e dados geográficos da região, prestando assistência ao telespectador-turista.

Os telespectadores sergipanos incorporaram o “tradutor cultural” aos festejos juninos. Nos telejornais da emissora, as reportagens jornalísticas mostram os festejos por todo o Estado, mas essa cobertura por si só não basta. A expectativa do telespectador-turista é acompanhar um espetáculo junino com um contador de histórias; com um tradutor popularizante das matrizes culturais que estão sendo vistas e vividas naquele momento. Nesta relação percebe-se a cumplicidade entre o telespectador (chamado de “meu fio”) e o narrador, que constrói a ilusão de uma interação pela tela, ou melhor, de um diálogo refletido e implícito. Por isso, no ambiente em que os telespectadores se dispõem frente à televisão, a sensação é de companhia, proximidade.

As vestimentas do apresentador são bem particulares e compõem o típico cenário do quadro. O próprio Pierre é quem as cria. Suas experiências culturais imprimem o estilo do personagem, que mistura a elegância de um apresentador à simplicidade de um matuto. Tecidos de chita ou xadrez se ajustam aos ternos, coletes e camisas. As cores fortes e “vivas” dão o tom de alegria ao paródico Pierre. As calças sempre carregam remendos de resto de tecidos e dão o estilo despojado do matuto. Completa o figurino, o chapéu de palha com adereços coloridos e a alternância entre a gravata xadrez e o lenço em torno do pescoço. O figurino muda em cada episódio, mas o estereótipo é sempre o mesmo.

Todas essas características transgridem a lógica do espaço do telejornal e aproximam as narrativas para o telespectador. O estilo peculiar do narrador-personagem em mediar as expressões juninas faz deste um integrante da cultura. Levando-se em consideração o raciocínio de Shnnaiderman, os sergipanos são levados por Pierre para um passeio entre o mundo e o antimundo; uma oposição a realidade regulamentada. Fator essencial para entender a compreensão da cultura junina por parte dos telespectadores, a partir do quadro em análise.

### **4.3. ABERTURA**

Sempre que a apresentadora do telejornal anuncia o quadro São João da Gente, o episódio é antecedido por uma vinheta. Trata-se de uma montagem digital lúdica, que traz elementos da cultura junina em um ambiente típico da literatura de cordel. Assim, as imagens captadas do vídeo de abertura já antecipam a essência cultural do quadro.



Figura 12 e 13 – A primeira traz a representação da noite de São João; na seguinte, o casamento matuto, típico da época junina.



Figura 14 e 15 – Primeiro Pierre parece entrar em um cordel para descobrir uma história; a segunda imagem mistura a típica culinária junina com o cenário de cordel.

Pode-se perceber que nos enfejos acima mencionados, o ator Pierre Feitosa se insere em uma realidade mítica, que se combina com os elementos reais dos festejos juninos. O contexto tratado aproxima as imagens da realidade do

telespectador sergipano, que por sua vez identificado, passa a se ver imerso ao universo das imagens. Sendo assim, um produto televisual com forte apelo regional.

#### **4.4. EPISÓDIOS 2009**

Nesta parte do trabalho são descritos e analisados, sob o ponto de vista do arraiá telemidiático, os episódios do quadro São João da Gente, exibidos no SETV 1ª edição, durante o ano 2009.

##### **4.4.1. “Ismael e os filhos do nordeste” - 01/06/2009 - 7’20’’**

No primeiro episódio do ano de 2009, Pierre Feitosa vai ao município de Santana do São Francisco para levar ao telespectador mais uma história. O narrador-personagem começa informando sobre as belezas do artesanato da cidade. Assumindo a responsabilidade de guiar o telespectador, Pierre narra a história falando diretamente para quem o assiste (“vamos”, “venha”, “meu fio”) e o convida para uma viagem pela cultura junina. O “guia” faz questão de lembrar ao telespectador que as peças são consideradas as melhores da região.

O ator tem uma identificação visual peculiar. Veste roupas coloridas, misturando símbolos matutos, como a camisa xadrez. O recorte da bandeira de Sergipe presente na roupa de Pierre chama atenção pelo fato de representar a fusão entre os sentimentos de devoção pelo estado e o amor pela cultura.



Figura 16 e 17 – Pierre fala de forma direta ao telespectador. Em seguida pede carona na carroça para seguir por suas andanças.

Após uma breve abertura sobre a pequena cidade, Pierre segue seu caminho em busca de um novo personagem junino. O narrador busca a todo instante uma interação com o telespectador, através de um discurso direto, e o convida para conhecer a história do dia. Ao se dirigir às pessoas de casa, Pierre utiliza o termo “meu fio”, uma espécie de marca registrada do personagem que interpela os interlocutores de casa. Entre os diálogos com telespectador e a apresentação da história, o ator sempre retorna ao espaço de representação. Desta vez, uma carroça é usada para chegar ao destino. O meio de transporte, que usa o cavalo como tração, é usado basicamente no meio rural, que é cenário para o episódio.

Em sua forma de ser e de agir, Pierre demonstra ter carisma. Uma característica que conquista a simpatia de pessoas como o sanfoneiro Ismael.



Figura 18 e 19 – O riso e simpatia criam o clima de irmandade entre o ator e o sanfoneiro Ismael.

Com a intimidade de amigos, Pierre e o sanfoneiro Ismael conversam como se não houvesse câmeras e pessoas observando. Eles começam a reviver alguns momentos da vida do músico. Histórias como a da infância de Ismael, quando este quebrou a sanfona do pai ao pegá-la sem autorização. O acontecido lhe rendeu uma surra, que é lembrada com risos.

O cenário de chão de areia, árvores e da simplicidade da moradia ganham o colorido das bandeirinhas e do balão. A realidade sócio-econômica expressa nas imagens pode não ser das melhores, mas o momento é de comemoração, afinal é mês junino e a visita é ilustre. Dessa maneira, aliada a dinâmica mediativa do narrador, a cultura junina vai se relacionando ao local e história de vida de Ismael.

A narrativa segue com Ismael cantando para Pierre. A prosa retorna para que o músico comente sobre a tradição familiar. Os dois filhos do músico tomaram gosto pela música junina. Assim, compartilhado lembranças e tradições, Pierre encerra o episódio com uma homenagem musical de Ismael ao rei do baião Luiz Gonzaga. Como de praxe, as últimas palavras de Pierre são dirigidas ao telespectador.

**“Meu fio, Ismael do acordeon, aqui da cidade de Santana do São Francisco, minha querida carrapicho, esta terra do maior artesanato do mundo, também faz parte do São João da Gente. É meu fio.”**

Desta maneira, o “tour” se encerra como se o narrador-personagem atuasse na reconstituição dos pigmentos juninos que constituem o imaginário coletivo sobre a cultura.

#### 4.4.2. “Maria de Betrô” - 02/06/2009 - 6’19’’

Personagem representando outro personagem. É assim que Pierre inicia mais um episódio do São João da Gente. Entre cantos rezados e rezas cantadas, tem-se um velório no meio de uma casa de barro. O suposto morto é o próprio Pierre,

velado sobre a rede. No rosto das mulheres que o rodeia com um terço na mão, a expressão de dor, choro e lamentação parece real. A encenação acaba quando Pierre volta a si invertendo a história para o lado cômico.



**Figura 20 e 21 – Pierre se finge de morto para assustar as carpideiras do município de Cristinópolis.**

Pierre acorda e assusta as senhoras que rezavam em nome de sua suposta morte. Toda essa encenação grotesca, que vai do trágico ao cômico, é usada para explicar ao telespectador o trabalho das carpideiras. Essas mulheres são contratadas por familiares para chorar no velório e enterro de um ente querido. A profissão é antiga e não se sabe ao certo sua origem. O fato é que em diversos lugares do mundo ainda existe figuras como essa. Como é o caso de dona Raimunda, a personagem central deste episódio.

Velório desfeito, Pierre volta a atuar como o personagem do São João da Gente. Mais uma vez confidente dos seus interlocutores, o guia cultural começa a prosa com a carpideira questionando sobre as histórias cômicas que viveu nesta profissão. Dona Raimunda lembra a situação em que chorou pela morte de um compadre da cidade. Na ocasião, o silêncio da tristeza foi rompido pela exaltação apaixonada de um homem que se declarou a viúva no enterro.

A todo momento instigando a carpideira, Pierre a leva para o quintal da casa. No ambiente rústico, Dona Raimunda lembra uma religiosa; caminha vestida toda de branco. Um simbolismo que representa a paz de espírito da pessoa e, no contexto, expõe a interação entre tradições pagãs e cristãs. Diferentemente dela, Pierre traz o

colorido típico estampado nas vestimentas. A figura de São João segue impressa no colete, do lado direito. Assim, entre balões e a alegria das cores, o narrador carrega no peito a reverência ao santo junino.



Figura 22 e 23 – Pierre ganha a confiança dos seus entrevistados. Logo torna-se confidente de Dona Raimunda.

Como se trata de período junino, não demora a surgir a figura do sanfoneiro na história. A conversa com Dona Raimunda passa a ser ritmada ao som de um trio pé-de-serra. Debaixo da árvore, a carpideira canta e dança junto com Pierre. Neste momento, os assuntos relacionados ao ofício já foram deixados de lado; mudaram o forró. Raimunda mostra ao narrador a canção que fez em homenagem ao município de Cristinápolis.



Figura 24 e 25 – Pierre canta e dança junto com as carpideiras.

A tímida relação com típica música junina é mais um dos talentos da sergipana. É também um dos motivos pelos quais dona Raimundo é destaque no São João da Gente. Para os telespectadores que nunca haviam se dado conta de que personagens como essa fazem parte da cultura junina, Pierre dá seu recado.

**“Meu fio, essa aqui é Dona Raimunda, da cidade de Cristinápolis, que chora, reza, é autora de uma música só, canta, dança e é uma alegria meu fio. E ela também faz parte do São João da Gente. É meu fio.”**

Desta maneira, o narrador projeta mais uma personagem no espaço midiático, multiplicando e constituindo o painel reflexo da cultura.

#### 4.4.3. “Tupã da viola” - 03/06/2009 - 6´45”

Desta vez, o episódio começa nos bastidores de gravação. A encenação começa quando Pierre discute com o diretor do quadro, Dida Araújo, sobre a gravação do dia. Dentro do carro, a conversa flui de maneira natural até que eles avistam um violeiro na calçada. O sujeito tocava sozinho na beira de uma avenida movimentada da capital Aracaju. O fato chama a atenção deles, que concordam em fazer uma visita ao violeiro.



Figura 26 e 27 – Pierre conversa com Dida Araújo, diretor do quadro, sobre o episódio do dia; ao avistar o músico na calçada, através da janela do carro, resolve ir ao seu encontro.

A partir do momento em que desce do carro, Pierre se porta como o personagem do quadro; não mais como o profissional ator que discute os episódios. O narrador, com sua roupa colorida usando tecido de chita, leva consigo a curiosidade do telespectador e questiona ao violeiro para quem está tocando. Segundo o músico, sua platéia é itinerante; está em constante trânsito na Avenida Hermes Fontes. E não é apenas nisso que o violeiro se difere dos demais.

A prosa com o violeiro Tupã começa e com a intimidade de um amigo de longa data, confessa a Pierre que já perguntaram se ele era louco por cantar daquela forma. A revelação de Tupã é mais um fator de cumplicidade entre o narrador e telespectador. Pierre consegue respostas para as curiosidades implícitas da platéia de casa. Para os que o achavam louco, a resposta de Tupã é que se tratava de um louco romântico. Um composto de adjetivo que dá nome a uma canção de sua autoria.



**Figura 28 e 29 – Pierre conversa e conhece o espaço onde Tupã canta e trabalha como serralheiro.**

Diferentemente de outros episódios, a cultura é manifesta em ambiente urbano. E Pierre é logo convidado para conhecer a humilde residência do violeiro. A movimentação da câmera cria a impressão de que o telespectador segue o mesmo percurso que eles e compartilha da conversa. Tupã revela que é migrante de São Paulo, onde há muitos anos trabalhou na colheita de café. Na época, seu

passatempo favorito era a música, que o acompanhava também no trabalho. Apaixonado por música, o paulistano veio parar em Sergipe onde se tornou empresário e músico. No pequeno Estado, Tupã resolveu montar uma serralheria onde se mantém fixo.

O local de trabalho é humilde e serve também de moradia e palco para suas apresentações. Depois da prosa sobre a vida do viajante, Pierre retoma ao talento do músico que nunca frequentou aula de viola. A proposta do narrador é apresentar o show do Tupã da viola para seu público itinerante. A essa altura, telespectador se vê como motoristas, na visão de espectadores em movimento. E assim, o violeiro ganha a visibilidade, mediada pela televisão, daqueles que ainda não haviam se dado conta de sua presença na calçada.

Mostrando mais uma vez como o “São João da Gente” age na dinâmica cultural, Pierre faz a abertura de mais um show do violeiro sem hora marcada. Na pequena serralheria, uma caixa de som amplia as cordas musicais. Depois, ambos agradecem a atenção dispensada pelo público. Pierre finaliza com as palavras de sempre, compondo o sentido social da ocasião e integrando mais um representante da cultura junina ao arriá telemidiático.

**“Meu fio, esse aqui é Tupã da viola. O homem que canta para uma platéia itinerante e também faz parte do São João da Gente. É meu fio.”**



Figura 30 e 31 – Pierre apresenta o show de Tupã e em seguida agradece a platéia itinerante.

#### 4.4.4. “Banda de pífano 3 de maio” - 05/06/2009 - 6’57’’



Figura 32 e 33 – Pierre fala com o telespectador e reúne duas gerações da banda de pífano.

Na região agreste de Sergipe, Pierre Feitosa surge com sua roupa vibrante em amarelo xadrez, contrastando com a paisagem da caatinga. No início do episódio, o “diálogo” é com o telespectador, que assiste a caminhada do narrador, acompanhada por quatro garotos e três adultos. Em caráter explicativo e ordem de discurso direto, Pierre convida seus amigos telespectadores para conhecer a tradição dessas pessoas. São os integrantes da banda de pífano do município de Poço Verde.

O narrador volta-se para os interlocutores do espaço televisual e demonstra interesse em saber e repassar a história da banda que leva o nome de uma data: 3 de maio, dia da padroeira da cidade. A banda é formada, em sua maioria, por agricultores, que aprenderam a tocar ainda na infância. A relação cultural é fruto de heranças históricas. Através dos ensinamentos familiares, os que hoje perpetuam a tradição fazem seus próprios instrumentos.



**Figura 34 e 35 – Os jovens tocam e dançam, sempre sob o olhar e indagações de Pierre Feitosa.**

O conjunto de música instrumental que mistura gerações é um dos mais tradicionais do município. O repertório é essencialmente junino. A sonoridade do instrumento desperta a curiosidade de Pierre sobre o processo de fabricação. A aula sobre a gaita de pife é breve; diante da pequena capela da padroeira, eles preferem conduzir o som da banda.

Com a curiosidade do narrador-personagem, diversos elementos culturais são expostos e possivelmente reinseridos ao contexto social após a visibilidade mediática. Nesse guiar e costurar pigmentos culturais, Pierre encerra mais uma história oferecendo aos que o assistem um pouco mais da apresentação da banda de pífano. A mensagem final reforça o valor do grupo como bem cultural.

**“Meu fio, oi, esta é a banda de pífano 3 de maio, aqui do povoado Saco do Camisa, do município de Poço Verde. É meu fio, e essa banda de pífano também faz parte do São João da Gente. É meu fio.”**

#### 4.4.5. “Vânia Silva” - 06/06/2009 – 6’15’’

Ao som do grupo de forró, o guia Pierre começa o episódio se dirigindo ao telespectador. O termo “Meu fio”, sempre utilizado pelo autor, invoca a atenção dos turistas audiovisuais. O apelo para seus acompanhantes televisuais é para apresentar mais uma personagem do São João da Gente. Desta vez, a

representante da cultura junina é uma alagoana, que circulou por diversas partes do país até se fixar em Sergipe, no município de Itabaiana.



Figura 36 e 37 – Pierre se mostra familiar e querido a “rainha do rebolado”; juntos, compartilham histórias.

Vânia Silva não é quadrilheira, tampouco a rainha de simpatias e superstições. A alagoana é uma cigana que deixou de ser nômade para cantar o ritmo mais conhecido do nordeste, o forró. Mais uma vez, a cultura e o inusitado ganham força de expressão através das imagens. É também um convite para a imersão ao do São João da Gente.

Como de costume, o carisma de Pierre cria um clima de naturalidade na conversa com Vânia. O narrador estimula a cigana a relembrar e compartilhar histórias do passado. Inevitavelmente, a sensação do telespectador é de co-participante. A cigana que canta forró divide entre seus espectadores, físicos e audiovisuais, seu apelido: rainha do rebolado. Sem nenhum constrangimento, mas um visível orgulho na expressão do rosto, Vânia lembra que ganhou o codinome na época em que trabalhava em circo.

A personagem do dia surpreende a cada instante ao compartilhar suas histórias. O clima cordial acolhido pelo telespectador não estranha, mas diverte-o ao relacionar a passagem pelo picadeiro à paixão pelo forró. Mas aquele espaço de diversão audiovisual é também de reunião social. O clima de intimidade evocado

pela personagem integra-a a cultura sergipana; Vânia se diz admiradora da música do Estado e destaca a cantora sergipana Clemilda.



**Figura 38 e 39 – Pierre traz a relíquia da cantora: um disco gravado no início da carreira; encerra o episódio falando com o telespectador e dançando ao som de Vânia Silva.**

Rodeados de bandeirinhas, o cenário junino fica completo com o trio de forró, que acompanha a cigana. Vânia se veste de maneira extravagante, com muito brilho e ousadia no sutiã a mostra. O vestuário pouco se relaciona com a cultura, o que revele o que revela o caráter multifacetado do contesto. Já as vestimentas de Pierre, a mesma do primeiro episódio que traz a bandeira do Estado, parece criar uma relação de aproximação, onde a cultura junina se integra entre representantes de Sergipe e Alagoas.

Com o decorrer do episódio o telespectador é levado a crer na relação, antes pouco acreditada, de Vânia com a cultura junina. E se ainda restaram dúvidas, a cigana forrozeira mostra como a tradição faz parte da família. O filho dela é sanfoneiro e a acompanha em todos os shows. Após conversas e histórias irreverentes, Pierre encerra o episódio dançando e cantando junto com a alagoana, sem esquecer de se despedir do telespectador dando seu recado.

**“Meu fio, Vânia Silva, nascida lá pras bandas de Colégio, em Alagoas, e a ranchada aqui na cidade de Itabaiana também fazem parte do São João da Gente. É meu fio!”**

## 4.4.6. “Zetinha” - 08/06/2009 – 6´48´´



Figura 40 e 41 – Pierre chega a casa de Zetinha cantando e senta-se a mesa para um café e mais uma prosa interessante.

Colorido da cabeça aos pés, Pierre surge na tela, mas não se dirige primeiramente aos telespectadores. O narrador brinca com um cachorro manhoso que parece apreciar a música cantada. Na sequência, Pierre volta-se aos companheiros do outro lado da tela, com olhar direto para a câmera. Os vocativos e o direcionamento do olhar interpelam os telespectadores; assim, junto à audiência, o narrador inicia a viagem pela cultura. Na medida em que Pierre vai apresentando a história do personagem, constitui também, implicitamente, os sentidos sociais daquele contexto.

Pierre entra na humilde casa de José Bispo, mais conhecido como Zetinha, na cidade de Umbaúba. O acordeão, conhecido popularmente como sanfona, é o primeiro elemento de ligação com a cultura junina. Provavelmente Zetinha é mais um integrante do São João da Gente e é a conversa entre eles que revela sua intimidade com aquele contexto e convence a quem o assiste da sua relação com a cultura.

O apelido é o assunto inicial da prosa entre os dois, que acontece ao redor de uma mesa servida de café e bolachas. Zetinha explica que o apelido é herança do tio e que o mesmo ficou conhecido depois que fizeram uma música com esse título.

A canção era uma espécie de convocação para que ele voltasse a tocar, depois de um período distante da música, com o intuito de plantar laranja.



Figura 42 e 43 – O café está servido, mas Pierre aproveita a presença da mulher para pedir uma música e dançar.

O agricultor sanfoneiro se mostra confortável às lentes da câmera e se deixa levar pelo clima criado pelo narrador. E nesse ambiente de irmandade, entra em cena mais um elemento cômico dessa história. A mulher que vive com Zetinha surge do interior da casa e traz consigo mais uma rodada de café quentinho. Até então, nada de diferente, a não ser pela forma física da senhora que contrasta com a frase estampada da blusa: malhação. Pierre não toca no assunto, facilmente percebido nas imagens. Prefere aproveitar a companhia para dançar ao som de Zetinha.

Voltando à conversa, eles começam a tratar da relação com os ilustres músicos sergipanos Gerson Filho e Clemilda. Nomes que estão enraizados na cultura junina do Estado, portanto partilhado com a maioria dos telespectadores. Ambos relembram algumas canções do passado, sem deixar de lado as mais recentes do músico. Diante das lembranças compartilhadas nas imagens, narrador, personagens e telespectadores rememoram tempos antigos. Quem foi da época, agora recorda momentos históricos como os dos festivais da música popular nordestina. Zetinha ganhou por três vezes o festival. Em uma das oportunidades,

levou para casa um liquidificador como prêmio. O ciclo de lembranças compartilhadas encerra-se ao som da canção “Zetinha”.

**“Meu fio, esse aqui é José Bispo Lisboa, mais conhecido como Zetinha. Ele veio lá das bandas de Lagarto e se aboletou aqui na cidade de Umbaúba; está aqui há trinta anos e também faz parte do São João da Gente. É meu fio!”**

#### 4.4.7. “Zé Costa, o cantor que o povo gosta” - 09/06/2009 - 7’00’’

Em clima de noite de São João, o episódio começa com música. Não é preciso fogueira para identificar no forró o tipo de expressão cultural. Desta vez, Pierre vai até a cidade de Boquim para conhecer e mostrar aos telespectadores quem é Zé Costa.

O narrador começa o episódio cantando junto ao grupo de forró. Ele acompanha o ritmo com o triângulo e se mostra mais uma vez como o elo daquela história e seus espectadores audiovisuais.



**Figura 44 e 45 – Pierre canta e toca junto com a banda de Zé Costa.**

A roupa colorida e o tecido xadrez da roupa de Pierre contrastam com o estilo mais moderno da cultura junina vestido pelo músico. A calça jeans e o casaco de couro mostram como Zé Costa é exemplo do movimento da cultura nordestina,

constantemente em mutação. Mas a raiz da tradição se faz presente através da música e do acordeão.

Zé Costa é autor de uma música bastante conhecida no Estado e já fez parte de alguns grupos musicais durante toda a carreira. A história de vida do músico é comum a de muitos sergipanos e nordestinos. Zé viveu na roça, onde por alguns anos trabalhou plantando milho e laranja. Como distração, a agricultor arriscava alguns sons. Na época, a cantoria servia apenas para passar o tempo. Muito diferente do que se constata atualmente, em que o músico é figura sempre presente dos Arriás. Quem já tinha ouvido ou dançado ao som de Zé Costa, com o episódio do São João da Gente conhece mais elementos que os relaciona ou simplesmente o identifica com a cultura junina.

Pierre convida Zé Costa a mostrar aos telespectadores algumas das músicas do tempo da lavoura. O pedido é feito como se o telespectador estivesse ao lado deles, mas que por algum motivo não tinha a voz para solicitar. Esse estímulo da sensação de presença é reforçado pela relação de intimidade entre narrador-personagem e personagem, já que dificilmente a situação seria vivenciada pelos telespectadores.

Um dos grandes momentos da carreira do músico foi quando este teve uma canção de sua autoria usada em uma reportagem especial no Jornal Hoje, da Rede Globo, na cobertura na copa do mundo de futebol do ano de 1998. A música no ritmo do forró falava da paixão dos brasileiros e a torcida pela seleção através do forró. Zé Costa lembra emocionado da época e encerra o episódio cantando ao lado do seu grupo musical. Assim, rememorando a história do personagem e a memória dos telespectadores, o episódio reforça o significado e o valor dele para a cultura junina dos sergipanos.



Figura 43 e 44 – Ao relembrar da música que serviu de base para as imagens da Copa de 1998 no Jornal Hoje, da TV Globo, Zé Costa se emociona.

“Meu fio, ói, Zé Costa, Cobra Verde e a banda Mandacaru, aqui do rancho Sossego do Leão, da cidade de Boquim, também fazem parte do São João da Gente. É meu fio!”

## CARTA-CONCLUSÃO<sup>1</sup>

Querida Jerusa,

Após a conclusão da graduação e da especialização decidi que continuaria os estudos com um mestrado. Neste momento a maior dúvida era sobre a temática que abordaria na dissertação. O envolvimento profissional com a televisão já havia delimitado o espaço comunicacional que abordaria na pesquisa, contudo o tema ainda precisava ser descoberto. Refletindo sobre meus interesses e o contexto regional, a cultura junina logo me veio em mente.

Assim como boa parte dos sergipanos, vivenciei a cultura junina desde a infância. Entre os costumes compartilhados, a tradição das quadrilhas, os hábitos alimentares, as festas e tantas outras formas de demonstração dessa cultura. Mas como associar cultura junina e televisão?

A análise da cobertura dos telejornais sobre o assunto me pareceu óbvia. Ao pensar em algo inovador que pudesse integrar ao estudo lembrei-me do quadro “São João da Gente”, exibido na emissora onde trabalhava. O quadro, apresentado por um personagem-narrador, expõe de forma cômica as inúmeras expressões dos festejos juninos do Estado no espaço do telejornal. Fatores como a excepcionalidade da produção no espaço midiático em questão, somada a apreciação pessoal e ao relativo sucesso alcançado pela audiência despertou-me o interesse em estudar a mostra que, por sua vez, desvendou a multiplicidade sógnica da cultura junina. Saliento que apesar de vinculado à mesma empresa, minha relação com a produção era basicamente de telespectador, pois os vídeos eram realizados por uma equipe especial e independente; o que me permitiu uma observação minimamente objetiva.

---

<sup>1</sup> As reflexões e sínteses do trabalho, como elemento conclusivo, são feitas em forma de carta.

Assim, a associação do interesse pela cultura junina e o envolvimento profissional com a televisão apontou para o seguinte caminho: a análise da construção televisual da cultura junina em Sergipe, a partir do estudo de caso do quadro “São João da Gente”.

Essa trajetória iniciou-se com uma contextualização histórica que revelou-me o quão rica é essa tradição. Muita antiga, fruto de interações culturais seculares, as festas juninas passaram por diversas apropriações e subsequentes adaptações. Por isso, ao tentar entender a origem dessa cultura percebi que não se tratava de algo delimitado por um marco. Seria impossível absolutizar um início ou uma essência.

Pensar em ascendência, neste caso, só foi possível no plural. Por isso mesmo, seria inviável, para não dizer impossível, relacionar todas. Na primeira parte do estudo foram mencionados alguns dos principais movimentos relacionais da cultura. Por esse caminho descobri como certos elementos que pareciam extremamente heterogêneos se aproximaram.

Não imaginava que os primeiros registros relacionados à tradição datassem de períodos tão longínquos. Anteriores a era cristã, os rituais para estimular a produtividade da lavoura já apontam para sua relação agrária. E foi busca da fertilidade agrícola que aproximou o homem dos cultos às divindades. Porém com o apogeu do cristianismo os deuses ganharam conotação pejorativa, com imperativa relação ao paganismo.

O esforço do controle religioso não foi suficiente para desprender as comemorações pelo solstício de verão europeu das festas dos fogos, entendidas como pagãs. Ao invés de eliminar, toda a articulação combinou certas dicotomias sem que isso representasse uma unidade. Inevitavelmente, a festa do fogo do solstício de verão se aproximou da Festa de São João. Esta relação se tornou a base do dinamismo da cultura junina em que a tensão entre o cristão e o pagão ainda é uma constante.

Através do pensamento de articulação das diferenças foi possível compreender melhor o conjunto das expressões culturais dos festejos juninos no

Brasil. Deixando de lado a ideia de ação dominante, notei que a essência da cultura junina brasileira está na relação estabelecida entre portugueses, ibéricos, africanos, indígena, entre outros. Por meio dessas interações, a cultura foi sendo reinventada; o que me permite concluir que a inexistência de tal processo inviabilizaria a continuidade da tradição. Dificilmente os festejos juninos se tornariam uma das mais importantes expressões populares do país sem que houvesse esse “diálogo” cultural. A efervescência desse trânsito cultural pôde ser entendida e contemplada através de relatos de diversos autores, que observaram a convivência e a tensionalidade entre o sagrado e o profano.

Ao tratar das tradições me convenci de que não seria capaz de mencionar tudo que é relacionado à cultura junina. O misticismo em torno dos santos juninos e as algumas tradições foram suficientes para entender e projetar o mosaico que é a cultura junina. As dimensões continentais do país exaltam ainda mais a pluralidade dessa expressão cultural, onde cada Estado celebra as festas juninas de maneira distinta, revelando suas peculiaridades.

No menor dos Estados, a cultura junina tem grande expressividade. Isso, até então, era previsível para quem era familiar o ambiente criado em torno da festa. Manifesta de diversas formas, seja através das quadrilhas, dos barcos de fogo ou dos bacamarteiros, a tradição revelou-se profusa de tal forma que não se consegue identificar o que é central ou coadjuvante nas festas juninas no Estado.

Da articulação das diferenças para interface com a comunicação. Assim como a cultura, a comunicação pressupõe um diálogo. Assim, a mediação entre o homem e a realidade ganha um novo impulso tradutório através dos meios de comunicação. É que o que acontece a cada tradução dos festejos pelos produtos televisuais.

As festas juninas que atraem milhares de pessoas para os arraiais, também seduz outros tantos telespectadores para o espaço midiático. A imagem ritualizada da televisão passa a conviver na intimidade do clima junino em que vivem as pessoas. Através do hábito de assistir televisão a cultura junina passa a ser também ordenada simbolicamente pela mídia.

Para esse vínculo social e sua relação comunicacional foi proposto o termo arraiá telemidiático. A cultura junina através das imagens é basicamente a apropriação do tempo e do espaço dos arraiás dos telespectadores. Assim é que surge o arraiá telemidiático, que por sua vez, prolifera novos ciclos simbólicos.

É importante ressaltar que esse circuito simbólico estabelecido através do arraiá telemidiático não divide/define o que é ou não a cultura junina. Os produtos televisuais que tratam do tema junino se apropriam e reproduzem os arraiás. É a contínua reprodução dos recortes televisuais sobre o tema durante o mês de junho que sugere uma vinculação dos elementos culturais aos quais as pessoas se relacionam.

De forma geral, pode-se afirmar que as produções midiáticas, como reportagens e programas especiais, constituem um painel reflexo da cultura junina. E ao ceder credibilidade às produções, a mídia que participa do cotidiano das pessoas passa a também interferir nos modos de percepção social. E por mais que se trate de um retalho da realidade, esse processo não define uma tradição específica, mas revela o caráter multifacetado da nossa cultura.

A televisão torna-se co-participante do fluxo tradutório da cultura junina. E entre o vivenciar e o assistir, o telespectador continua a apropriar-se e reapropriar-se da tradição junina. Portanto a dinâmica é a mesma; o que muda é o envolvimento das pessoas com a semiótica das novas formas de entretenimento da televisão, mesmo que haja críticas ao ritmo, às mazelas comuns ao próprio meio em suas condições de fazer.

As pessoas, a cultura e a mídia são sensíveis às tendências. Situação verificada nos arraiás e nas produções televisuais de Sergipe. Os festejos juninos ganharam espaço de expressão nas emissoras de televisão do Estado. O recorte das análises a partir dos produtos da TV Sergipe, mais especificamente o “São João da Gente”, permite refletir sobre esse múltiplo de intenso fluxo tradutório

Só o fato de o quadro ocupar alguns dos preciosos minutos da programação local, mostra como a temática é representativa para a emissora. Não apenas isso,

pois trata-se de uma estratégia que vem atraindo cada vez mais anunciantes e um número maior de espectadores para o arraiá telemidiático.

O “São João da Gente” apesar de também ser um produto comercial, se difere dos demais já que não exalta as figuras da fortalecida indústria do forró. Não são os shows de bandas famosas que ganham destaque, mas as figuras anônimas ou não tão populares que são reveladas ao público como parte integrante daquela cultura. Mostrando a cada episódio novos personagens, o quadro faz uma espécie de mapeamentos dos pigmentos culturais. Ao invés de um recorte generalista, uma pequena mostra específica que reflete hábitos e relaciona costumes.

Nota-se que nos diversos episódios analisados, o narrador assume o papel de um guia cultural. Nas andanças pelos municípios do Estado o telespectador é convidado a todo instante à ilusão do prazer em ser outro e noutra lugar. Esse envolvimento cria a sensação de que o telespectador do arraiá telemidiático une-se a Pierre Feitosa e juntos conhecem outra face da cultura, se emocionam e se divertem com as histórias. O “espelho” da realidade não é perfeito; as histórias personagens são filtrados, mas é desta maneira que a cultura junina continua sendo traduzida e reinventada; neste caso, quem assume a responsabilidade é o simpático contador de histórias da televisão.

A habilidade cômica do narrador-personagem se manifesta de forma natural diante das câmeras, o que estreita ainda mais o vínculo entre a televisão e os telespectadores. Os gestos exagerados, os trajes marcantes, o vocabulário simples e direto, entre outras, são características que fortalecem essa ligação, potencializam o espaço de contemplação e significação.

Não posso afirmar se o “São João da Gente” prejudica ou preserva a cultura junina. As imagens apenas resgatam histórias e pessoas que mantêm viva a tradição em seu fluxo tradutório constante, com uma única diferença: a projeção no arraiá telemidiático de “novas” expressões culturais.

Se você não conhecia, muitos sergipanos já conhecem. O sanfoneiro Ismael, a carpideira Maria, a cigana Vânia e tantas outras figuras também fazem parte da Cultura Junina e do “São João da Gente”. Portanto “minha fia” Jerusa, se na



dinâmica própria da cultura há uma combinação de partes que pertencem a vários todos, o arraiá telemidiático impulsionado pelo “São João da Gente” reforça o movimento relacional e tradutório. De fato a televisão é uma potencial instituição social mediadora da cultura junina. Se as festas fascinam, as imagens seduzem; e se antes não se podia pensar em uma “estabilidade” cultural, diante dessa ação menos ainda. Telespectadores do arraiá telemidiático e a própria cultura agregam novos hábitos compondo a cada interação uma nova festa junina. Novos valores estéticos, ideológicos e culturais se sobrepõem e vão sendo incorporados.

## ANEXOS

### I- ROTEIROS DO SÃO JOÃO DA GENTE 2009

#### **Episódio: Zé Costa, o cantor que o povo gosta.**

Parte 1 – Pierre vivo. Começa o filme cantando a música “Forró Ligeiro” um sucesso gravado pelo grupo Cabeça de Frade.

“ O forró aqui ta bom, êta, todo mundo quer dançar, êta, São João lá em Sergipe mesmo de arrepiar” ÉÉÉ

E de arrepiar mermo é a história desse cantador que eu vou bater um pé de prosa nestante, o nome dele é Zé Costa o cantor que o povo gosta.

Zé Costa meu fio! Tudo bem? Me diga uma coisa:

É verdade que você trabalhava na roça com os seus pais e seus irmãos plantando fumo e que durante o plantio tu não parava decantar um instante?

Zé Costa diz que sim e que e fala a história da irmão que batia nele para ele parar de cantar porque ninguém agüentava escutar aquela voz o dia inteiro...

Pierre: Me conte a história do sistema de auto-falante que tinha no povoado aonde tu morava.

Zé Costa diz que gostava tanto de música que passava horas escutando o serviço de auto-falante da rádio 3 Peidos no ar e que num certo dia se inscreveu para cantar num concurso promovido pela rádio e ganhou um prêmio...

Pierre: E qual foi o prêmio?

Zé Costa: foi um litro de bebida chamada Cavalinho. Esse prêmio me marcou muito porque além de ganhar aquele “belo troféu” eu também conheci o meu primeiro porre e a minha primeira ressaca.

Pierre: Meu fio e qual foi a música que tu cantou?

Zé Costa fala um pouco sobre a música “ Sapo Cururu” e canta um trecho curto.

Pierre:Meu fio eu soube que você também ganhou prêmios em outros lugares, é verdade?

Zé Costa diz que participou de concursos na rádio Esperança de Estância e ganhou também o primeiro lugar cantando a música “Bota Fogo no forró” e o prêmio foi uma camisa feia danada e o sanfoneiro ganhou um rádio de pilha.

Parte 2 – Pierre vivo.

Depois disso você foi estudar no colégio agrícola, participou de festivais estudantis e depois foi convidado para tocar numa pizzaria da cidade de Boquim...como foi essa experiência?

Zé Costa fala da experiência e diz que cantava MPB e forró... e a música que ele mais gostava de cantar era “Vozes da seca”

Pierre: Aí você conheceu Floriano e montou o grupo “Nordeste Independente”.

Zé Costa fala sobre o grupo... diz que gravou o primeiro Lp e o maior sucesso foi a música “O Penetra” e canta um trecho da música.

Parte 3 – Pierre vivo.

E por quê tempos depois você mudaram o nome do grupo?

Zé Costa explica...

Pierre: Já com o nome de Cabeça de Frade vocês gravaram a música “Forró Ligeiro”, fizeram um grande sucesso e aí apareceu um personagem chamado Zé Bremó.

Zé Costa diz que Zé Bremó foi uma criação de Jorge Ducci e era interpretado pelo próprio Jorge, nos shows era Zé Costa fazia a voz do personagem Zé Bremó. Ele canta um trecho.

Pierre: E quem é Zé Bremó?

Zé Costa responde que Zé Bremó foi uma criação baseada na linguagem natural do sanfoneiro Manoel Sotero que não conseguia falar corretamente a palavra “bemo!”.

Pierre: Teve outra música do grupo que fez um grande sucesso “ Mulher Pimenta”.

Meu fio que mulher é essa hein me diga!

Zé Costa fala da música e canta um trecho.

Parte 4 – Pierre vivo.

Depois você deixou o Cabeça de Frade e criou o grupo “Mandakaru”.

Zé Costa fala do grupo e da formação do grupo.

Pierre: Eu soube que no primeiro cd do grupo vocês regravam a música “ Homem Gol”.

Zé Costa diz que essa música foi gravada primeiro em 1994 e regravada em 1997 mas foi no ano seguinte que ela ganhou fama por causa de um clipe exibido em rede nacional no jornal Hoje da Rede Globo.

Pierre: Meu fio como foi isso?

Zé Costa explica: O pessoal da Rede Globo do rio de Janeiro ligou para o meu amigo Dida Araújo da Tv Sergipe pois sabiam que ele era amigo do forrozeiro Flávio José e pediu para ele indicar uma música do artista para que eles produzissem um clipe com o tema junino para encerrar o telejornal... foi aí que Dida disse: No lugar

de uma música de Flávio eu vou mandar uma de um grupo sergipano chamado Mandakaru... ele mandou a música e o pessoal editou o clip com imagens dos jogos do Brasil na copa da França...

Pierre: Meu fio vamos rever um tiquinho desse material.  
Sobe som curto do clipe.

Pierre: Eu soube que tu ficou doido quando viu o material que chegou a desmaiar foi?  
Zé Costa conta que saiu correndo pelas ruas gritando tanto que parecia um doido...

Pierre: Mas meu fio não é pra menos aparecer em rede nacional né pra todo mundo não...

Parte 5 – Pierre encerramento.

Agora você está com um trabalho mais voltado para o arrasta-pé né verdade?  
Zé Costa fala do trabalho, Pierre pede para ele cantar alguma música e encerra.

Meu fio esse é Zé Costa, o cantor que o povo gosta  
e ele também faz parte do São João da Gente, é meu fio!.

### **Episódio: Tupã da Viola/Gerson Batista dos Santos**

Parte 1 – O filme começa com a imagem do Pierre dentro do carro conversando sobre o roteiro do filme que ele vai gravar, de repente ele olha para o lado e vê uma pessoa sentada em um banquinho na beira de uma avenida tocando viola. Pierre fica curioso e pede para o motorista fazer a volta que ele quer conhecer aquela figura...

Pierre: conversando dentro do carro.

Dida fala: essa cena Pierre eu imaginei desse jeito: você andando pela estrada de terra fala o texto até chegar perto do personagem que vai estar com a sanfona no peito pronto para tocar...

Pierre interrompe a minha fala e diz:

Dida! Dida! Dida! Espie só, espie só! O que será que aquela criatura ta fazendo ali, vamos lá ver?

Pierre: Cabeça de cágado meu fio faça a volta e vamos lá que eu quero conhecer aquela criatur meu fio vamos.

Gravar essa cena em vários ângulos.

- 1- Câmera dentro do carro registra o diálogo de Dida com Pierre.
- 2- Câmera ainda de dentro do carro registra a imagem do personagem (visão do Pierre)
- 3- Câmera registra imagem do carro passando (visão do artista – Usar Fast-motion )
- 4- Câmera registra carro fazendo retorno ( Usar Fast-motion )

#### 5- Câmera registra chegada e descida do Pierre.

Pierre: Desce do carro e faz cara de curioso olhando para os lados querendo entender o por quê daquela cena.

Pierre:

Moço bom dia!

Tupã responde

Pierre: Meu fio tu ta tocando pra quem em meu fio, é pra essa árvore é?

Tupã responde: É também mas o meu público maior é o itinerante.

Pierre: Meu fio me conte essa história que quero saber.

Primeiro me diga qual é o seu nome, vá?

Tupã responde: Eu me chamo Gerson Batista dos Santos mais conhecido por Tupã da viola.

Pierre: E por quê Tupã da Viola e não Gerson da Viola?

Tupã responde: Eu nasci em Capela e ainda pequeno fui morar em São Paulo com os meus pais, eles eram lavradores... você sabe que trabalhar na lavoura é duro e aí a gente ficava cantando as músicas para aliviar o cansaço. Eu ouvia e gostava muito de cantar as músicas das duplas Zé Tapera e Teodoro, Pedro Bento e Zé da estrada, Tônico e Tinoco e tantos outros. Na época lá em São Paulo eu também gostava muito de jogar bola e no Palmeiras tinha um jogador chamado tupã e um amigo dizia que ele parecia muito comigo e daí começou a me chamar de Tupã da Bola. Mais tarde quando eu vim morar em Aracaju e comecei a tocar viola o professor Alvinho Argolo me batizou de Tupã da Viola visto que eu já tocava a minha querida viola.

Parte 2 – Pierre vivo.

Mas meu fio me conte como foi que você começou a tomar gosto pela viola?

Tupã responde: Eu no início não tinha condições de comprar um instrumento, aí quando retornei de São Paulo para Capela conheci dona Luiza uma vizinha que dava aula de música, foi ela quem me ensinou os primeiros acordes no violão, ela também me emprestava o próprio violão e depois disso eu fui juntando um dinheirinho até comprar o meu próprio instrumento, foi assim que tudo começou...

Parte 3 – Pierre vivo.

Daqueles tempos lá de São Paulo qual era a música que mais mexia com você? Tu se lembra?

Tupã responde e canta uma trecho da música.

Parte 4 – Pierre vivo.

Agora me diga uma coisa: Todo o artista gosta de se apresentar para platéias né verdade? Pois bem eu quero saber de tu por quê você escolheu esse lugar na beira de uma das mais movimentadas avenidas da cidade, com os carros pra lá e pra cá para extravasar a sua arte meu fio me conta vá.

Tupã responde falando do público que passa e olha, de alguns que vão, de outros que aplaudem, de outros que lhe chamam de louco enfim das várias manifestações

do seu público itinerante e da felicidade que ele sente em poder expressar todo o sentimento através de uma música que ele é apaixonado desde a infância. .

Parte 5 – Pierre vivo.

Meu fio eu quero saber de uma coisa: violeiro também gosta de forró?

Tupã responde que sim e diz que no disco dele tem uma música que fala justamente em forró e canta um trecho da música “ Forró do Alagadiço”

Parte 6 – Pierre vivo.

Meu fio tu já tem disco gravado é?

Tupã responde que gravou um cd com 14 músicas todas de autoria dele...

Pierre interrompe e pede para ele cantar alguma.

Parte 7 – Pierre encerramento.

Tupã meu fio to encantado com essa sua história de amor pela música de raiz.

E agora pra gente encerrar essa prosa eu vou anunciar você para essa sua platéia Privilegiada que quer ouvir o som afinado da sua viola e o seu gogó arretado.

Senhoras e senhores com vocês Tupã da Viola esse artista simples que tem na alma o gosto pela verdadeira música de raiz e o toque refinado da viola caipira.

Sobe som dele cantando e em um determinado momento Pierre faz o encerramento.

É meu fio Tupã da Viola esse cantador arretado também faz parte do São João da Gente.

### **Episódio: PAVIO DO FORRÓ**

Parte 1 – Pierre vivo.

O filme inicia com Pierre segurando um pavio, se possível um rolo de pavio, e aí vai falando da utilidade desse material... e depois fala que ele inspirou o nome de um forrozeiro que começou tocando gaita de taboca e se apaixonou pela obra rei do baião Luiz Gonzaga.

Meu fio! Você ta vendo isso aqui? Isso é um pavio.

Ele serve para se colocar fogo em candeieiros ou velas e produzir claridade. Ele também dá nome a um dos

maiores cantadores de forró do nosso estado, o Pavio do forró.

Sobe som de Pavio cantando “Forró pra Mais de Metro” trecho curto.

Pierre interrompe e fala:

Pavio como foi que começou essa sua história?

Pavio fala que nasceu em Divina Pastora e sempre gostou de música, o pai era um tocador de pífano e ele de tanto ver o pai tocar começou a dar os primeiros acordes no instrumento chamado de gaita de taboca.

Pierre:

Você se lembra de alguma coisa desse tempo? Toque uma beirinha vá.  
Pavio toca Asa Branca

Pierre:

Eu soube que você podia ver uma poça d'água na rua, por quê isso meu fio?  
Pavio responde que não gostava muito de estudar e quando os pais dele forçavam para ele ir ele saía pela rua procurando uma poça de água para se melar de lama e voltar pra casa dizendo que caiu na lama e a professora não deixou ele entrar na sala de aula...

Pierre:

Como foi o seu primeiro contato com as músicas de Luiz Gonzaga?  
Pavio conta que costumava ouvir as cantigas de Luiz Gonzaga através do serviço de auto-falante da cidade e ficava encantado com aquelas cantigas.

Parte 2 – Pierre vivo.

Aí você deixou Divina Pastora e veio para Aracaju  
morar logo na Rua de São João o lugar mais animado  
da cidade nos tempos da festa junina.

Pavio fala que ao chegar na rua de São João ficou encantado e entrou logo para a quadrilha mirim São João de Deus e quando cresceu foi para a quadrilha adulto.

Pierre:

Depois você parou de dançar e começou a cantar e compor músicas  
para várias quadrilhas, como foi isso meu fio?

Pavio fala que a primeira música que ele compôs foi para a quadrilha Unidos de São João “Dois passinhos”, depois veio “Cantariê” e outras mais. Ele fala que algumas dessas músicas ainda são cantadas pelas quadrilhas.

Pierre pede para ele cantar um trecho da primeira música.

Parte 3 – Pierre vivo.

Como compositor e cantor você já ganhou um festival de música, num foi?  
Pavio responde que foi com a música “Costume Diferente” e canta um trecho curto.

Parte 4 – Pierre vivo.

Você já cantou em várias quadrilhas mas teve uma que  
marcou a sua carreira, a Chapéu de Couro e foi justamente com ela que  
que você ganhou o primeiro título brasileiro de quadrilha junina num foi?  
Pavio fala que foi no ano de mil novecentos e noventa e um no festival brasileiro de quadrilha junina promovido pela Tv Aratu da Bahia e fala dessa experiência...

Pierre interrompe e pede para ele dar o grito de guerra que marcou a passagem dele pela quadrilha Chapéu de Couro.

Pavio grita “Dá-lhe de Couro”

Parte 5 – Pierre vivo.

Meu fio você também compôs alguma música para a Chapéu de Couro?

Pavio responde que sim e canta um trecho.

Parte 6 – Pierre encerramento.

Meu fio você já gravou alguma coisa?

Pavio responde que sim, fala o nome da música, canta um trecho e Pierre faz o encerramento.

Meu fio esse é Pavio do Forró, o cabra do forró pra mais de metro, ele também faz parte do São João da Gente.

Sobe som

Normando Inácio Santos nasceu em Divina Pastora é filho do seu João Inácio Santos, um fiscal da prefeitura que tocava pífano. Estimulado pelo pai ele começou a dar os primeiros acordes no pífano de taboca instrumento que mais tarde ele abandonaria para tentar a prender a tocar sanfona. Asa Branca foi a primeira música tocada por ele na gaita de taboca. Na infância ele conta que não gostava muito de estudar e quando ia para a escola não podia ver uma poça d'água que entrava nela e começava a melação, era o motivo para voltar pra casa e não ir para a escola. Foi por causa dessa falta de gosto pelo estudo que ele brinca “ eu bem que poderia ser um doutor se não fossem as poças d'água que existiam no meu caminho” Ele conta também que adorava ficar ouvindo no serviço de auto-falante da cidade as músicas do Luiz Gonzaga, ficava encantado com as cantigas do rei do baião. Aos dez anos de idade ele veio morar em Aracaju e justamente na rua de São João. Lá ele entrou para a quadrilha mirim São João de Deus. Ele conta que guarda muitas recordações dos festejos na rua de São João. Depois que deixou de dançar começou a cantar e em 1986 entrou para a quadrilha Unidos em São João como cantor e foi lá que ele fez a primeira composição “ Dois passinhos”. Depois dessa vieram outras composições todas elas voltadas para as quadrilhas e que, segundo ele, algumas quadrilhas ainda cantam nas apresentações. “Dois passarinhos” “Cantariê” Chapéu de Couro foram outras composições feitas por ele. O apelido de Pavio do forró foi colocado por um amigo. Ele conta que era muito magro e um certo dia um amigo olhou para ele e disse “ Meu fio tu parece um pavio” . Depois de compor músicas específicas para quadrilhas ele fez algumas outras que foram gravadas por artistas famosos ( Gláucio Costa “ Queixo Caído” ; Chamego Bom “ Banda Chamego de Menina”) Com a música “ Costume Diferente” Pavio do forró ganhou o festival de música promovido pelo Banese.

Pavio do forró passou por diversas quadrilhas da capital mas foi na Chapéu de Couro que ele conquistou o prêmio mais importante da sua carreira como cantor de quadrilha. No ano de 1991 ele cantando pela quadrilha ganhou o título de campeão brasileiro de quadrilha junina no festival promovido pela Tv Aratu da Bahia.

Pavio foi o criador do grito de guerra da quadrilha “ Dá-lhe de couro”.

## **Episódio: Gilberto Lima, o marcador de quadrilha**

Parte 1 – Pierre começa o filme fazendo a convocação dos quadrilheiros.

Pierre: Ô Pessoa!

Quadrilheiros: Oi!

Pierre: Vamos dançar quadrilha.

Quadrilheiros: Vamos!

Sanfoneiro meu fio puxe esse fole que eu hoje vou botar pra quebrar.

O sanfoneiro toca e Pierre fala o texto seguinte.

Pierre:

Meu fio eu to aqui fazendo o papel do marcador de quadrilha para contar a história de um cara que mesmo sem nunca ter dançado quadrilha se transformou em um dos maiores marcadores do nosso estado, Gilberto Lima. Nesse momento a câmera mostra Gilberto dando dançando ao lado dos quadrilheiros e quando o Pierre se aproxima para iniciar a conversa Gilberto dá um comando para a quadrilha parar e então iniciar a conversa com Pierre.

Pierre:

Gilberto meu fio me conte como foi que tudo começou.

Gilberto fala que nasceu em Muribeca, morava em Canindé de São Francisco e nunca tinha visto uma quadrilha junina. Em 1976 quando veio morara Aracaju, foi ver um ensaio da quadrilha “Ciganinha do Amor” do bairro Grageru. Durante o ensaio o marcador passou mal e teve que se afastar do comando, então ele vendo aquilo se ofereceu para ser o novo marcador mesmo sem ter tido nenhum contato com quadrilha junina. Depois de muita risada do pessoal que não acreditou muito na iniciativa dele os componentes resolveram dar uma chance ao intrépido futuro marcador. Foi desse jeito que Gilberto Lima começou a construir uma carreira brilhante em prol da quadrilha junina.

Pierre:

Meu fio mas como é que pode alguém que nunca viu uma quadrilha dançar se oferece para ser marcador?

Gilberto fala que durante o ensaio ele observou muito bem os passos e os comandos dados pelo marcador oficial e aí ele disse “ se é pra fazer isso que ele faz eu posso muito bem fazer” e não deu outra a quadrilha ensaiou, ensaiou e logo no primeiro ano sob o comando dele conquistou o título de campeã do concurso da rua de São João batendo agremiações famosas como a São João de Deus, Século XX e outras.

Pierre:

Meu fio que história interessante... mas me diga outra coisa:

Antigamente as quadrilhas dançavam sob o comando de voz do marcador né verdade?

Aí você vendo aquilo resolveu criar uma nova maneira de se comunicar com os quadrilheiros durante as apresentações, como foi isso?

Gilberto fala que os marcadores costumavam gritar para poder fazer as mudanças de passos e ritmos durante as apresentações... ele vendo aquilo percebeu que muitas das vezes os componentes não ouviam o comando por causa do barulho dos instrumentos e o erro era quase certo. Foi aí que ele teve a idéia de criar gestos para fazer as trocas no andamento da quadrilha durante as apresentações.

Pierre:

Meu fio me mostre como é isso vá.

Gilberto mostra alguns comandos na prática com o pessoal dançando.

Parte 2 – Pierre vivo.

Meu fio que coisa linda... ô Gilberto me diga outra coisa, por quê é que tu na hora da dança costuma deixar a sua dama e vai ter uma conversar carinhosa no pé de orelha de outros componentes da quadrilha?

Gilberto dá uma risada e diz: Pierre naquela hora que eu encosto em alguém, aparentemente de forma bem carinhosa, eu na verdade estou é dando uma bronca da mulesta pois alguém cometeu algum erro...

Pierre:

Além de você criar essa forma de comunicação você também faz questão de manter a originalidade dos passos na quadrilha né verdade?

Gilberto diz que foi feito uma enquete entre os integrantes da quadrilha para ver se eles gostariam de mudariam a forma de dançar indo ao encontro da estilização ou permaneceriam com a tradição, o resultado foi o de manter as raízes da quadrilha junina.

Pierre:

Mas o que é manter as raízes?

Gilberto fala que manter as raízes é manter o “Chan de dama” “Travessè” o Garranchè” e tantos outros passos que quase não se vê nas quadrilhas de hoje.

Pierre:

E por falar em raízes você tem filhos que dançam quadrilha Maracangaia né meu fio?

Gilberto conta que teve e tem filhos que participam da família Maracangaia...

Pierre:

Me diga outra coisa: você já está na Maracangaia há dezoito anos e sempre ao lado do sanfoneiro Coelho dos oito baixos, como é essa harmonia e como vocês montam o repertório?

Gilberto fala que o repertório é feito por ele e Coelho dos oito baixos, outro patrimônio da quadrilha Maracangaia e que essa parceria rende bons frutos porque a harmonia entre eles é repassada para os componentes durante as apresentações e isso tem ajudado na conquistas de vários títulos locais e até nacionais, A quadrilha



Maracangaia é a única quadrilha sergipana que venceu o festival de quadrilhas juninas da Rede Globo.

Pierre:

Eu soube que tu trabalha com edificações de estradas e essa profissão lhe deu a oportunidade de trabalhar no Iraque montando estrada de ferro num foi? Agora eu quero saber nesse tempo em que tu passou por lá bateu saudade de ouvir o resfolego da sanfona meu fio?

Gilberto conta que a saudade que ele sentia era igual a saudade de quem tem mãe e mora distante...

Parte 3 – Pierre encerramento.

Meu fio qual é o momento mais marcante pra você na hora de uma apresentação?

Gilberto responde que é na hora que toca a marcha, é na marcha que ele pode mostrar toda a arte da quadrilha...

Aí Pierre interrompe e pede para ele puxar uma marcha e encerra o filme.

Meu fio! Gilberto Lima já tem mais de trinta anos na arte de marcar quadrilha, dezoito só na Maracangaia e é por tudo isso que ele também faz parte do São João da Gente.

### **Episódio: Fumo de Gasto, o sanfoneiro da Ilha de Mem de Sá**

Parte 1 – Pierre vivo. Pierre começa andando pelo povoado e pergunta a alguém aonde fica a ilha de Mem de Sá em seguida ele aparece em uma canoa cantando a música “Caranguejo Uçá”...

“Caranguejo uçá, ói o gordo guaiamu quem quiser comprar a mim cada corda de dez eu dou mais um, eu dou mais um, eu dou mais um, cada corda de dez eu dou mais um.

Caranguejo uçá, caranguejo uçá, apanhe ele na lama e trago no meu caçuaú”

Pierre vivo:

Meu fio eu tô aqui nessa canoa atravessando o rio Vaza Barris pra visitar a Ilha de Mem de Sá no município de Itaporanga D’Ajuda e conhecer um sanfoneiro que começou a tocar sanfona usando as cascas de coqueiro, é mole! Uma história muito interessante que eu vou mostrar pra você nestante.

Sobe som pequeno clip até a canoa parar na beira do rio e o Pierre descer.

Pierre:

Aqui todo ano acontece a festa do caranguejo, ééé!

Vem gente de tudo quanto é canto, a ilha fica cheia e aí a gente só escuta o potoque, potoque, potoque dos martelos quebrando o caranguejo. Meu fio é uma



beleza e no final a festa termina com um forró animado pelo maior sanfoneiro da região o José Ferreira da Cruz, né isso?

Damião que é irmão do sanfoneiro diz:

Não, aqui não tem sanfoneiro com esse nome não, eu acho que tu desembarcou na ilha errada.

Pierre:

Oxente! Mas me disseram que ele morava aqui. Ai meu pai e agora!

Damião fala:

Se avexe não moço que eu vou te mostrar outro sanfoneiro danado de bom, o nome dele é fumo de gasto ele tem uma história bonita que é danada, ele começou a tocar sanfona usando casca de coqueiro...

Pierre:

Ei! Peraí. Mas o sanfoneiro que eu tô procurando é esse mermo.

Damião fala:

Êta pencha! É ele mermo é? Aqui o pessoal só conhece ele como fumo de gasto.

Pierre:

Tu me leva lá na casa dele que eu quero saber direitinho essa história?

Damião:

Só se for agora.

Aí os dois saem caminhando pela aldeia, a imagem entra em fast-motion com um bg apropriado. Os dois chegam á casa do sanfoneiro e começa a conversa.

Pierre:

Seu José meu fio! Como vai? É d'oje que eu te procuro...

Se não fosse esse cabra eu não chegaria aqui.

Meu fio me conte por quê o pessoá só lhe conhece por fumo de gasto hein?

Fumo de Gasto fala que a mãe tinha uma bodega e lá vendia fumo de rolo, não vendia fumo de sacola. O pessoal comprava muito e quando o rolo ia se acabando a mãe dele deixava um pedacinho aceso para pessoas que chegassem procurando fumo não ficassem sem usar o produto até que o estoque fosse repostado... num certo dia alguém chegou e perguntou tem fumo de rolo? Ele respondeu: tem não só tem fumo de gasto foi assim que o surgiu o apelido de fumo de gasto.

Pierre:

E como foi essa história de tocar sanfona em casca de coco?

Fumo de Gasto fala que na família dele tinha muitos músicos, uns tocavam violão, outros zabumba... e vendo aquilo começou a tomar gosto pela coisa e foi aí que teve



a idéia de improvisar uma sanfona com a casca de coqueiro e ficava imitando o dedilhado no instrumento.

Pierre:

Então foi a sanfona o seu primeiro instrumento?

Fumo de Gasto fala que não, que iniciou tocando zabumba e triângulo aos oito anos de idade no grupo da ilha e que a sanfona ele só começou a tocar aos vinte e um anos...

Pierre:

E por quê tu demorou tanto pra começar a bulinar na sanfona?

Fumo de Gasto responde que depois que ele assistiu a uma apresentação de Robertinho do Acordeom ficou encantado pelo fole de oito baixos...

Pierre:

Meu fio pegue a sua sanfona e me mostre a primeira música que tu puxou no fole?

Fumo de Gasto fala que foi uma serenata da época do avô e toca um trecho.

Pierre:

Meu fio eu soube de uma história que aconteceu com você num show no parque de vaquejada...

Fumo de Gasto fala que no parque fizeram um palco para as apresentações... outros artistas se apresentaram e quando chegou a hora dele e ele começou a puxar o fole o palco desabou, foi caixa de som por tudo quanto é canto...

Pierre:

Como foi a história do contratante que lhe convidou para fazer uma festa e depois desistiu sem lhe avisar, me conte.

Fumo de Gasto conta que fez o acordo com o contratante e antes do dia da festa o cara desistiu e não o avisou... ele sem saber do cancelamento do contrato foi com a turma até o local da festa, chegando lá foi informado que não haveria mais o show. Ele ficou azoado porque ele tinha uma sicura arretada de tocar sanfona aí ele chamou a turma e fez a festa no meio da rua até o dia amanhecer...

Pierre:

Fumo de Gasto meu fio a prosa ta boa mas eu quero mermo ouvir forró, ajunte aí o seu pessoal e vamos fazer uma forrozada da mulesta.

Fumo de Gasto sapeca um forró e Pierre faz o encerramento.

Pierre:

É meu fio fumo de gasto esse sanfoneiro arretado aqui dallha de Men de Sá no município de Itaporanga D'Ajuda também faz parte do São João da Gente.

**Episódio: Fabricante de Pífano de Glória**

Parte 1 – Pierre vivo.

Pierre andando por uma estrada de terra acompanha uma banda de pífano que passa de casa em casa pedindo oferendas para o Senhor São Pedro.

Meu fio! O pífano ou pife, que é esse instrumento aqui, tem sete buraquinhos, um para soprar e seis para dedilhar, pode ser feito de taboca, que é um tipo de madeira, ou de cano plástico. ÉÉÉ

Mas aqui na cidade de Nossa Senhora da Glória eu encontrei Zé Maria um cabra que inventou um jeito de fabricar pife de uma maneira diferente.

Zacarias meu fio! como foi isso?

Zé responde que desde pequeno achava bonito o toque do pífano... que por curiosidade pegou os talos da abóbora, cortou um fino e outro mais grosso, fez os buraquinhos e percebeu que os sons eram diferentes e aí começou a tocar...

Parte 2 – Pierre vivo.

Quer dizer que você inventou o pife de talo de abóbora...

E por quê esse gosto pelo pife? me conte vá.

Zacarias responde que Ascendino o avô dele era tocador e fundou uma banda por nome de Flauta de Prata São Pedro e depois passou para o pai dele o Zé do Pife e então ele não teria outro caminho a seguir se não fosse tocar pife...

Parte 3 – Pierre vivo.

Quer dizer que todo mundo na família gosta de assoprar né meu fio? Risos

Zé meu fio me mostre como era que tu fazia o pife e depois vamos fazer uma fuá aqui no terreiro.

Zé pega o talo da abóbora começa a fazer vai explicando o processo... depois de pronto Pierre pede para dar uma assoprada, faz cara de espanto e diz:

Meu fio e num é que a coisa funciona mermo, espie só!

Parte 4 – Pierre vivo.

Zacarias me diga uma coisa o pife que tu toca hoje na sua banda ainda é feito de canudo de abóbora?

Zacarias responde que não e apresenta Zé Maria o fabricante e aí Pierre começa a prosa com ele...

Pierre:

Zé Maria então é tu que fabrica esses instrumentos né? Como é que tudo começou?

Zé Maria responde que fábrica há muitos anos e abastece os pifeiros da região.

Parte 5 – Pierre vivo.

Você, assim como Zacarias, também começou assoprando em talo de abóbora foi?

Zé Maria responde.

Parte 6 – Pierre vivo.

Zacarias meu fio! Além de tocar pife o que é que tu faz na vida?

Zacarias responde que trabalha na construção civil e o restante da família trabalha na roça...

Parte 7 – Pierre vivo.

Zacarias meu fio! Me mostre as qualidades da banda Flauta de Prata, vá.

A banda toca a briga do cachorro com a onça.

Pierre: Eta fio de uma mãe.

Parte 8 – Pierre vivo.

Zé Maria meu fio! Eu soube que hoje é um dia muito especial pra banda gaita de Prata né?

Zé responde que hoje é o dia do aniversário da banda, do time que eu fundei e o meu.

Pierre completa dizendo:

Zé meu fio! você esqueceu de alguém!

Zé Maria fala: de quem Pierre?

Pierre:

De eu meu fio. Risos... hoje também é o meu aniversário... Zacarias chegue pra e puxe aí uma cantiga arretada que é pra gente festejar essa data tão especial pra vocês para mim e para o nosso glorioso São José. Sapeca pessoal.

Sobe som

Parte 9 – Pierre vivo encerramento.

Seu Zacarias, seu Zé Maria e a centenária banda Gaita de Prata aqui da cidade de Nossa Senhora da Glória também fazem parte do São João da Gente.

E viva a São Pedro! É meu fio!

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Aglaé D. F.(Org.). *São João dormiu, São Pedro acordou*. Aracaju: SEC. FUNDESC, J. Andrade, 1994.
- ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de (coord). *São João é coisa nossa*. Aracaju, 1990.
- BARBERO, Jesús Martin. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- BARBERO, Jesús Martin. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.
- BARRETO, José R. P.; PEREIRA, Margarida de S. (Org.). *Festejos juninos: uma tradição nordestina*. Recife: Nova Esperança, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil dos Municípios Brasileiros - Cultura 2006: IBGE investiga a Cultura nos municípios brasileiros*. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=980](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=980). Acesso em: 01 nov. 2009.
- BRÍGIDO, Maria. *Mastros, santos & brincantes*. Um mito do catolicismo popular. In: NASCIMENTO, Bráulio do (Org.). *Estudos de folclore em homenagem a Manuel Diégues Júnior*. Rio de Janeiro / Maceió: Comissão Nacional de Folclore / Instituto Arnon de Mello, 1991.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da gente e da terra do Brasil*. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1980.
- CASCUDO, Luis da C. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- CHIANCA, Luciana. *Chama que não se apaga: a fogueira de São João logo no seu nascimento, resistiu às perseguições da Igreja e ganhou novos significados no Brasil*. Revista de História, Rio de Janeiro, nº 45, p. 18-23, jun. 2009.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- DO SALVADOR, Frei Vicente. *História do Brasil: 1500-1627*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.



- FRAZER, sir James G. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.
- MARQUES, Núbia N. *O luso, o lúdico e o perene e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- RANGEL, Lúcia. *Festas juninas: origens, tradições e história*. São Paulo: Casa do Editor, 2002.
- SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: pó rum conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.



## ERRATA DE BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERREIRA, Jerusa Pires. Armadilhas da memória: conto e poesia popular. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. Revista da USP, São Paulo, Edusp, dez./1994-fev./1995.

FERREIRA, Jerusa Pires. Oralidade, Mídia, Culturas Populares. Revista SESC, São Paulo, SESC, n. 2, p.39-41, ago. 2003.

PINHEIRO, Amálio. Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça. Piracicaba: Unimep, 1994.

PINHEIRO, Amálio(org.). Comunicação & Cultura: Barroco e Mestiçagem. Campo Grande/MS: Uniderp, 2006.